

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Dissertação de Mestrado:

FILHOS DA IMIGRAÇÃO:

Sobre a Segunda Geração de Imigrantes Brasileiros nos EUA

Orientador:

Prof. Gustavo Lins Ribeiro

Aluno:

Gustavo Hamilton de Sousa Menezes

Brasília

Março de 2002

“Como continuar a ser argelino quando se mora fora da Argélia há várias décadas; quando se está instalado na França com mulher e filhos; quando, com o passar do tempo, passa a existir na França uma rede de parentesco e todas as redes de relações pragmáticas; quando os filhos educados e instruídos na França são instruídos segundo modos franceses de ser, de agir, de sentir, de pensar? Da mesma forma, como continuar a ser muçulmano quando se vive em ‘terra cristã’; quando se deixou a comunidade de origem que é uma comunidade de fiéis; quando não se tem mais, ou se tem rara e artificialmente, a oportunidade de mergulhar novamente na vida religiosa comunitária com seu ritual, suas práticas, suas cerimônias, sua ética?”

Abdelmalek Sayad

Tantos povos se cruzam nessa terra
Que o mais puro padrão é o mestiço
Deixe o mundo rodar que dá é nisso
A roleta dos genes nunca erra
Nasce tanto galego em pé-de-serra
E por isso eu jamais estranharei
Sertanejo com olhos de nissei
Cantador com suingue caribenho
Como posso saber de onde venho
Se a semente profunda eu não toquei?

Como posso pensar ser brasileiro
Enxergar minha própria diferença
Se olhando ao redor vejo a imensa
Semelhança ligando o mundo inteiro
Como posso saber quem vem primeiro
Se o começo eu jamais alcançarei
Tantos povos no mundo e eu não sei
Qual a força que move o meu engenho
Como posso saber de onde venho
Se a semente profunda eu não toquei?

Siba e Tavares

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I	
Danbury, Connecticut	11
A Comunidade Brasileira de Danbury	15
CAPÍTULO II	
Filhos de Imigrantes: Crescendo como 2ª Geração	18
CAPÍTULO III	
A(s) Língua(s)	29
CAPÍTULO IV	
O Sistema Educacional Público	39
Política e Diversidade Étnica	44
CAPÍTULO V	
Noções de Identidade e Pertencimento	57
O Surgimento de Uma Comunidade Étnica	59
CONCLUSÃO	68
BIBLIOGRAFIA	71

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste estudo, contei com ajuda e contribuição indispensáveis de pessoas e instituições às quais gostaria de agradecer. Registro, pois, aqui, minha gratidão à Universidade de Brasília que, por meio do Departamento de Antropologia, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, forneceu-me suporte institucional e auxílio financeiro essenciais às minhas atividades de aluno e pesquisador. Agradeço também ao CNPq, pela imprescindível ajuda financeira que me possibilitou realizar pesquisa de campo com os imigrantes brasileiros em Connecticut.

O meu muito obrigado ao professor Gustavo Lins Ribeiro, que conduziu minha orientação com dedicação e paciência e tornou nossas reuniões de trabalho grandes aulas de antropologia.

Agradeço à generosidade e ao apoio do professor Luis Roberto Cardoso de Oliveira, que tornou possível minha afiliação ao *David Rockefeller Center of Latin American Studies*, da Universidade de Harvard. O meu muito obrigado àqueles que me receberam nesse centro, especialmente a Bradley Russel e aos professores Steve Reifenberg e John Coatsworth.

Minha gratidão aos conterrâneos brasileiros e aos seus filhos que com boa vontade e curiosidade me receberam em Danbury. Meu muito obrigado aos irmãos Daniel e Daniela, à jovem Ana Paula e ao Breno, amigos que fiz na cidade.

Agradeço a receptividade e a cooperação de todos os funcionários do *ESL Reception Center*, em especial à brasileira Maria e ao coordenador do Centro, o professor Augusto Gomes.

Agradeço aos meus pais Murilo e Maildes Menezes, por todo apoio que sempre me deram, e à minha esposa Caterina Menezes, a quem, com amor, dedico este trabalho.

INTRODUÇÃO

Durante a segunda metade do século XX, os EUA passaram por uma profunda transformação demográfica. Até o final da Segunda Guerra Mundial, cerca de 50 anos atrás, a população dos EUA era primordialmente composta por uma população branca, de origem européia. Ao final dos anos 1990, no entanto, mais de um quarto da população dos EUA compunha-se de minorias étnicas, incluindo latinos, afro-americanos e asiáticos. O censo de 2000 contou mais de 35 milhões de hispânicos ou latinos vivendo nos EUA, o que representa cerca de 13% da população do país ou o equivalente a toda população da Argentina. Em cerca de 50 anos, prevê o *U.S. Census Bureau*, os EUA terão o segundo maior número de hispanófonos do mundo, atrás apenas do vizinho México. Para a configuração desse quadro de diversidade, as últimas cinco décadas de imigração foram essenciais, pois, nesse período, novas e maciças ondas de imigrantes chegaram aos EUA. Entre as similaridades existentes entre as “antigas” e as “novas” ondas migratórias estão as áreas urbanas como destino e a disposição de se aceitar trabalhos pesados e de baixa remuneração. Entre as diferenças, nota-se que as “novas” levas são majoritariamente não-brancas e provêm de países do chamado Terceiro Mundo.

O Brasil também contribuiu para as ondas migratórias. Durante as décadas de 1980 e 90, um grande fluxo de brasileiros ajudou a engrossar essas levas, partindo para o exterior com a expectativa de acumular, ao longo de alguns anos de trabalho, uma soma de dinheiro suficiente para lhes garantir uma vida mais estável e confortável quando de sua volta ao Brasil. Apesar dessa intenção manifesta de retorno à terra natal, muitos brasileiros acabaram por adiar seus planos iniciais, tendo, em última instância, criado

raízes nas terras estrangeiras. Acompanhando esse fenômeno social, muitos foram os estudos de qualidade dedicados a revelar os padrões de imigração e adaptação desses brasileiros que se dirigiram para o Paraguai, Japão, alguns países europeus e, em especial, para os Estados Unidos¹. Esses estudos produziram um amplo mapeamento da realidade dos brasileiros no exterior, ressaltando seu pioneirismo e procurando responder questões sobre quem eram eles e por que deixavam o Brasil, onde e como viviam fora do país, quais os trabalhos que desempenhavam, como lidavam com a clandestinidade e com a saudade da família e da terra natal².

Segundo Martes, “em apenas três anos (1985–1988), cerca de 1.250.000 brasileiros saíram do país e não mais retornaram” (1999:21). Passados cerca de quinze anos desde o início desse emblemático período, é de grande importância estender o escopo das pesquisas de migração para incluir o estudo da geração subsequente de imigrantes brasileiros, a qual é crescente e cada vez mais representativa da vida dos brasileiros no exterior. Estudando a segunda geração de imigrantes compreendemos melhor a primeira, pois vemos seus membros agindo e desempenhando papéis até então não observados – decidindo a língua a ser falada em casa junto aos filhos, transmitindo aos mais novos conhecimentos e impressões sobre o Brasil e sobre o passado da família, incentivando e/ou reprovando os valores adquiridos pelos filhos com a escola, com os amigos, enfim, com a sociedade que os envolve. Conhecendo a segunda geração mais de perto, vemos com mais precisão essas pessoas que não raramente vivem suas vidas entre dois mundos; muitas vezes nascidas em um país que já não está em sua memória,

¹ Os números divulgados sobre a migração brasileira para o exterior são muito imprecisos, variando substancialmente de uma fonte para outra. No entanto, mesmo com a carência de precisão nas estimativas, há um certo consenso apontando que entre 1% e 2% da população brasileira reside atualmente no exterior. Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores, cerca de 39% dessa população se dirigiu para os Estados Unidos, 30% para o Paraguai, 13% para o Japão e 11% para diversos países europeus. (Reis & Sales, 1999:16, 245).

² Vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Assis (1995), Margolis (1994), Martes (1999) e Sales (1999).

conhecedoras de outra cultura por intermédio das figuras paternas, dos parentes e da comunidade imigrante, hábeis negociantes culturais com a capacidade de se adaptar a contextos distintos. São pessoas muitas vezes com passes livres para esses dois mundos, muitas vezes com restrições de acesso para ambos, mas, de uma forma ou de outra, pessoas com noções de pertencimento ambíguas, como que eternamente atravessadas pelos seus abundantes dilemas identitários.

Neste trabalho, procuro examinar os processos de socialização e as dinâmicas de construção de identidades dos filhos dos imigrantes brasileiros habitantes da cidade de Danbury, em Connecticut, no nordeste dos Estados Unidos. Observo e procuro demonstrar as diferentes influências que os jovens da segunda geração recebem dentro e fora do grupo doméstico, isto é, quando em casa, com seus familiares brasileiros ou quando fora dela, na escola ou entre os amigos. Empenho-me em analisar os dilemas identitários desses jovens, em destacar a maneira pela qual eles percebem a si mesmos e aos seus pais, assim como em apreender a sua concepção sobre o Brasil e sobre os Estados Unidos.

A pesquisa de campo na qual baseia-se este estudo foi realizada em Danbury, entre os meses de janeiro e março 2000 e os meses de setembro e novembro de 2001. Em Danbury, procurei aprender mais sobre os brasileiros que ali vivem, visitando-os em suas casas, trabalhos, nas escolas e nas igrejas, e assim realizando entrevistas, aplicando questionários e tomando parte em longas conversas. As visitas ao Centro de Recepção ISL – Inglês como Segunda Língua – (onde os alunos estrangeiros sem proficiência em inglês são testados e matriculados) foram muitas e de grande importância. Durante dois meses, uma vez por semana, trabalhei como voluntário neste centro, organizando

arquivos e atuando como intérprete para brasileiros recém-chegados. Jornais e periódicos da comunidade brasileira nos EUA, impressos e *on-line*, também foram fontes de preciosas informações para essa pesquisa.

* * *

O termo “segunda geração”, tal como aqui utilizado, engloba 3 categorias de imigrantes:

(i) A primeira categoria inclui jovens que nasceram no Brasil, tiveram sua infância e primeira socialização nesse país e que, em algum momento desse período, imigraram para os EUA, onde agora vivem. Os jovens incluídos nessa categoria possuem memórias do seu país natal, conheceram o português durante anos como única língua, foram alfabetizados e educados nesse idioma e percebem e vivenciam o dia-a-dia nos EUA ainda orientados por muitos dos valores adquiridos no Brasil.

(ii) A segunda categoria também se refere a jovens nascidos no Brasil mas que, com muito pouca idade, foram para os EUA onde, efetivamente, socializaram-se. Ainda que muito possa ter sido gravado no subconsciente dos então bebês ou pequenas crianças, poucas são suas memórias do Brasil. A noção que têm desse país é construída principalmente pelo depoimento dos pais e parentes, pela convivência com brasileiros, por fotografias e, para aqueles que têm acesso, pelos canais de TV do Brasil. A construção da identidade dos que pertencem a essa categoria é especialmente delicada, pois ainda que em suas memórias os EUA tenham desde sempre sido seu lar e cenário de suas vidas, a grande maioria não possui documentos que lhes garantam a permanência

naquele país. Pela peculiaridade da situação, tal categoria é designada por alguns teóricos como geração 1.5 (Portes, 1990)

(iii) A terceira categoria inclui jovens nascidos nos EUA, filhos de pais brasileiros. Os membros de tal categoria, independentemente do status legal de seus pais naquele país, possuem cidadania americana. Tal situação não garante a permanência no país nem dos pais não-documentados, nem das crianças (por estas estarem sob a guarda daqueles). Ainda assim, o nascimento de um filho em solo americano é considerado um definitivo e profundo envolvimento com a sociedade de acolhida, de forma que o sentimento de legitimidade em relação a estar naquele país aumenta consideravelmente. Para tais crianças, no processo de construção de suas identidades, sentir-se “americanas” será uma opção muito mais próxima e viável do que para as duas categorias precedentes.

* * *

A distinção entre gerações é sobretudo uma construção social baseada na noção de família, na divisão do trabalho, nos papéis sexuais e, principalmente, nos papéis etários estipulados por cada cultura. A migração promove uma mutação nas práticas culturais e acarreta um longo processo de negociações entre os distintos pólos da hierarquia familiar. A cultura trazida dos países de origem e a cultura da sociedade de acolhida são frequentemente postas em perspectiva, pois, muitas vezes, elas representam o embate de pais e filhos. Com efeito, as estratégias de inserção envolvem todos os níveis de relacionamento dos imigrantes nas diferentes gerações. Elas passam pelos relacionamentos de vizinhança, pelas práticas educativas, pela atmosfera xenófoba que

percorre a sociedade, enfim, pelos dilemas que cada indivíduo e sua família enfrentam no seu cotidiano.

Desse modo, falar de gerações não significa apenas fazer referência a um fator natural, onde uma, por ser a continuidade da outra, caminha para a manutenção da espécie. No plano social, consideram-se os conflitos pessoais e familiares, as influências do meio (trabalho, escola etc.), as diferentes expectativas e os projetos de vida, dentre outros fatores. Esses muitos elementos, quando conjugados, suscitam questões relativas a um processo histórico que considera matrizes culturais tanto residuais como constantes nas relações do dia-a-dia. Uma análise comparativa entre gerações, portanto, torna-se relevante, pois é por meio dela que se pode apreender a dinâmica social e histórica que age de maneira dialética na medida que estão presentes distintos padrões culturais que ora são abandonados, ora fortalecidos, mas na maioria das vezes (re)interpretados de acordo com as posições ocupadas na hierarquia familiar.

CAPÍTULO I

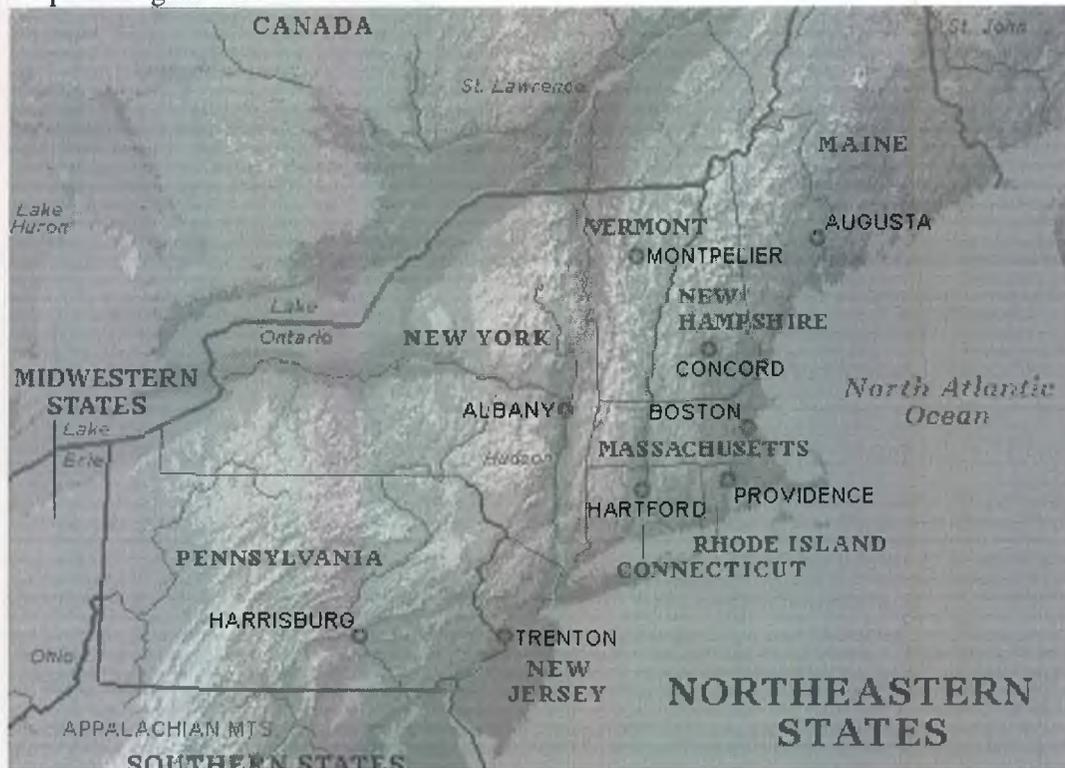
Danbury, Connecticut

Danbury, moradia de uma ampla comunidade brasileira, é uma cidade de Connecticut, rico e influente estado do nordeste dos EUA. Connecticut, juntamente com os estados de Maine, Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island e Vermont, compõe a região da Nova Inglaterra – área de grande beleza natural, outrora lar de inúmeros povos indígenas e uma das primeiras regiões americanas a receber a colonização européia. Com apenas 12.975 km², Connecticut é o terceiro menor estado do vasto território norte-americano, superando em extensão apenas os estados de Rhode Island e Delaware, com 3.145 km² e 5.330 km², respectivamente. Apesar de sua pequena extensão territorial – cerca de dois terços das dimensões do estado brasileiro de Sergipe – Connecticut é um estado de economia muito forte, tendo a maior renda per capita de todo o país. De acordo com o Departamento de Comércio norte-americano, em 2000, a renda per capita anual do país foi de US\$ 29.451,00 ao passo que a de Connecticut foi de US\$ 40.870,00³.

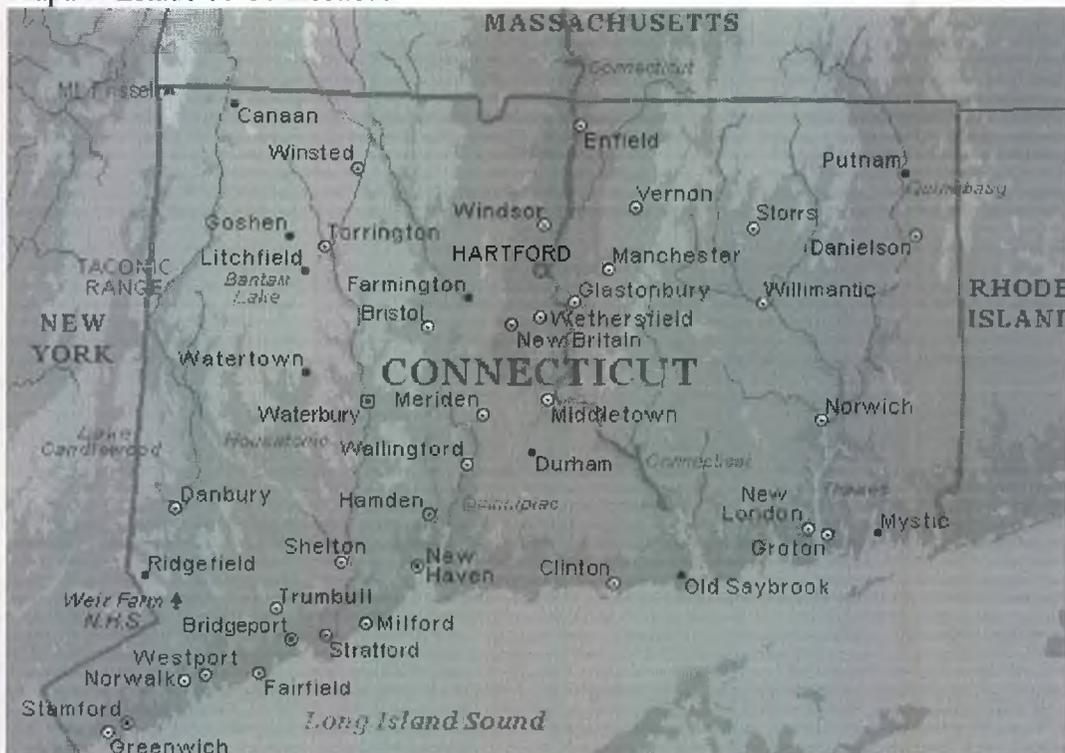
Não obstante tais números, Connecticut como um todo é um estado extremamente variado economicamente, possuindo algumas das mais pobres cidades do país, além de vários subúrbios violentos e pouco favorecidos ao redor de suas maiores cidades; Bridgeport, Hartford, Waterbury e New Haven. Além dos limites com o Oceano Atlântico, ao sul, e com Massachusetts, ao norte, Connecticut também faz fronteira com

³ Fonte: US Department of Commerce. Bureau of Economic Analysis.

Mapa 1: Região Nordeste dos EUA



Mapa 2: Estado de Connecticut



os estados de Nova York, a oeste, e de Rhode Island, ao leste, sendo os dois primeiros estados áreas com expressiva população brasileira⁴.

Com 74.848 habitantes, contados no censo de 2000, Danbury é uma cidade organizada e aprazível. Suas igrejas de torres pontudas, seus edifícios em tijolos vermelhos e suas casas de madeira contam-nos vários séculos de histórias. Fundada em 1648, Danbury fica situada no sudoeste do estado, em Fairfield County, o mais rico e populoso dos oito condados de Connecticut. Durante os anos de 1780 até o final da Segunda Guerra Mundial, Danbury especializou-se na produção de chapéus, ganhando a reputação de capital desse produto, e o apelido de *Hat City*. Atualmente, sua economia é diversificada, e inclui a produção de materiais médicos e farmacêuticos, de produtos eletrônicos e de engenharia, de instrumentos óticos e de alta tecnologia. As cinco maiores corporações com sede na cidade são; *Danbury Buildings Inc.*, *Danbury Mall Associates*, *M. M. & Seymour Powers*, *Boehringer Ingelheim* e *Hughes Danbury Optical Sys. Inc.*. Entretanto, as companhias que mais empregam na cidade são outras: *Danbury Hospital*, *Cendant Mobility*, *G. E. Capitol*, *Union Carbide* e *Grolier*.

Situada em meio às colinas de Berkshire, no interior do estado, Danbury certamente atraiu brasileiros em razão da alta concentração de riqueza da área. Os brasileiros, porém, raramente pertencem ao quadro de empregados das grandes corporações. Com disposição para o trabalho pesado, eles normalmente se empregam no mercado informal, apostando na boa remuneração que patrões abastados podem lhes proporcionar. As atividades que mais comumente absorvem a mão de obra brasileira são a construção civil, a pintura de casas, a jardinagem e a limpeza de casas; todas atividades

⁴ Sobre a comunidade brasileira de Nova York, ver Margolis (1994). Sobre a comunidade brasileira de Massachusetts, ver Martes (1999), Sales (1999) e Fleischer (2000).

que exigem muito fisicamente, mas que podem, inicialmente, ser desempenhadas com pouco conhecimento do inglês. Trabalhos em lanchonetes e restaurantes também são comuns, especialmente durante os rigorosos invernos, quando os trabalhos ao ar livre tornam-se mais raros e árduos.

A jardinagem ou *landscaping* é um dos trabalhos mais pesados. Tal atividade consiste na limpeza e remoção de terra, plantio e remoção de árvores, remoção de pedras, corte de galhos e de grama, limpeza de folhas etc. É uma atividade essencialmente masculina, na qual força e juventude são também necessárias. A construção, reforma e pintura de casas também emprega boa parte da força de trabalho masculina. São atividades nas quais o conhecimento prévio do ofício não é indispensável, havendo a possibilidade de se começar como ajudante e então ir aprendendo aos poucos e assim melhorar a remuneração. A possibilidade de ascensão também existe na limpeza de casas, o *house cleaning*. Nessa atividade, majoritariamente desempenhada por mulheres, começa-se em geral como ajudante, ganhando menos e aprendendo o ofício, até que por experiência, por boas conexões ou por acordos financeiros, a ajudante consegue sua independência, deixando sua chefe e tornando-se ela própria a chefe da limpeza. Uma vez chefe, ela utilizará serviços de uma outra ajudante que, por sua vez, quando for possível, também a deixará⁵.

A descoberta e o investimento nesses nichos de trabalho foram indispensáveis para a conformação da comunidade brasileira de Danbury. Contudo, foram as redes de parentesco e amizade que possibilitaram o fluxo de tantas pessoas, sendo os parentes e amigos os responsáveis pela motivação dos imigrantes, pela divulgação da área, assim

⁵ Segundo estudo realizado por Soraya Fleischer com a comunidade brasileira de Boston, a boa remuneração do trabalho de *house cleaning* tem cada vez mais atraído homens para essa atividade (Fleischer, 2000).

como pelo suporte inicial (econômico e psicológico) do audacioso empreendimento. Além disso, uma antiga e importante colônia de portugueses em Danbury teve papel decisivo no crescimento migratório de brasileiros para aquela região, demonstrando o peso de fatores histórico-culturais e lingüísticos na estruturação desses processos.

A Comunidade Brasileira de Danbury

De acordo com o Cônsul-Geral do Brasil em Nova York, o embaixador Flávio Perri, dos cerca de 75 mil habitantes de Danbury, 10% são membros da comunidade brasileira⁶. Esse é um número muito significativo, chegando a ultrapassar a estimativa de habitantes brasileiros em Framingham, cidade de Boston célebre pela sua extensa e ativa comunidade brasileira. Segundo Sales, dos 65 mil habitantes de Framingham, 9% do total seriam brasileiros (1999:57). De fato, tudo indica que a comunidade brasileira de Danbury seja ainda maior. O jornal local *The News Times*, em cobertura às comemorações brasileiras do 7 de Setembro na cidade, afirmou que a comunidade brasileira de Danbury já supera a marca dos 10 mil⁷. É também em torno de 10 mil a estimativa da maioria dos brasileiros da própria comunidade. Esse número, no entanto, é de difícil averiguação; primeiramente porque a categoria “brasileiro” (*brazilian*) não constou no censo de 2000, aplicado em todo território norte-americano e, em segundo lugar, porque não é do interesse de vários brasileiros, preocupados com a sua situação ilegal no país, de se expor a questionários e quantificações.

⁶ Segundo entrevista concedida ao jornal *Brazilian Voice*, em outubro de 2000.

⁷ Jornal *The News Times*, vol.118, nº 252, 9 set. 2001.

Ainda assim, o censo de 2000 registrou 11.791 ou 15,8% de hispânicos ou latinos na população da cidade. Das três nacionalidades latino-americanas apuradas separadamente pelo censo, registrou-se 1.294 ou 1,7% de mexicanos, 1.818 ou 2,4% de porto-riquenhos e 138 ou 0,2% de cubanos. Com esses números, a maior proporção de hispânicos ou latinos ficou na categoria “outros hispânicos ou latinos” (*other Hispanics or Latins*), com 8.541 pessoas registradas, ou 11,4% da população total. Ainda que vários brasileiros tenham sido contados pelo censo como “outros hispânicos ou latinos”, é impossível saber em que proporção.

Fazer estimativas é algo difícil. No entanto, é certo que a comunidade brasileira de Danbury está longe de ser uma minoria invisível. Pelo contrário, as igrejas e os estabelecimentos comerciais brasileiros se distribuem por toda a cidade, quase sempre estampando em suas fachadas as cores verde e amarelo e os dizeres “falamos português”. Esses vários estabelecimentos passam uma imagem próspera e empreendedora da comunidade brasileira. De fato, possuir um negócio próprio é desejo de muitos, de forma que aqueles brasileiros que imigraram, aprenderam o inglês, conseguiram o visto de permanência (*green card*), conquistaram bens e possuem negócio próprio, obtêm respeito e proeminência junto à comunidade. E não são nada raros esses exemplos de sucesso⁸. Apenas na *Main Street* – que como o nome já diz é uma das principais avenidas da cidade – pode-se contar 20 empresas brasileiras de comércio e serviço, duas academias e cinco igrejas. As empresas são: LS Gráfica, Cristina’s Beauty Salon, A&C Computer School,

⁸ A imprensa brazuca tem dado grande destaque aos membros da comunidade brasileira que atingiram sucesso financeiro, que “fizeram a América”, como costumam falar. Colunas de jornais – como a “Gente que faz” do *The Immigrant* – destacam esses empresários em festas e eventos, retratando-os como uma espécie de alta sociedade ou classe emergente. Esses personagens “vitoriosos” certamente influenciam na construção do imaginário dos imigrantes em relação à comunidade brasileira – tida como próspera – e em relação às suas próprias perspectivas de sucesso.

Vania's Travel Service, Tropicallia Productions, Brazil Travel, Santos Insurance, The Mirante Agency, Mix Age Boutique, Bem Brasil Restaurante, Leid's Beauty Salon, Lider Travel, Luciano's Jewelry, Karol's Store, Livraria e Locadora Shalon, Lord & Girls, Eliza's Store, Banana Brasil Restaurante, Pantanal Restaurante, Banana Brasil Market. Brazilian Jiu-jitsu e Aeróbica & Jazz são as duas academias. As igrejas são: Igreja Assembléia de Deus, Igreja Pentecostal de Cristo, Igreja Presbiteriana, Igreja Unida Brasileira e Comunidade Católica.

“De qualquer lado da *Main Street* que se ande – escreveu o jornalista Evandro Constâncio – é presente a identidade brasileira, quer seja na língua portuguesa ou nos comércios. Pode até ser exagero a comparação com a Rua 46, que tem objetivo e filosofia diferentes⁹, mas não se pode negar o fato de que na avenida ‘tá tudo dominado’”¹⁰

⁹ A Rua 46 ou *West 46th Street* está situada no coração de Manhattan, na cidade de Nova York. Oficialmente chamada de *Little Brazil*, essa rua é um grande centro de serviço e comércio relacionados ao Brasil, onde a comunidade brasileira da região e os muitos turistas vindos do Brasil passam e se encontram, compram e se divertem. Essa rua é também palco para celebrações e festivais, como os de 7 de Setembro, que comemora a independência brasileira e reúne multidões.

¹⁰ Jornal *The Immigrant*, nº 89, ano 3, março de 2001.

CAPÍTULO II

Filhos de Imigrantes: crescendo como segunda geração

Nascer e aprender sobre o mundo, pensar, receber informações do ambiente, dos pais, dos parentes mais próximos e dos amigos dos pais, da igreja, da tv e, finalmente, da escola e dos professores, dos colegas de classe, dos pais dos colegas de classe e então das leituras e das mídias escritas e eletrônicas. Crescer é sempre um desafio. É o período em que a criança se procura no mundo, se auto define e se classifica, é quando percebe que também é observada e classificada pelas muitas outras pessoas ao seu redor.

A antropologia nos ensina que os valores da sociedade circundante, assim como os valores dos pais e da parentela são desde a infância inculcados, ensinados às crianças para que então elas se tornem e se efetivem membros dessa sociedade ou grupo de sangue, carregando essa identidade e interpretando e reproduzindo os valores de seus ancestrais. Os clássicos da antropologia, em geral, observam esse processo de socialização internamente a uma mesma sociedade, onde as famílias e os grupos – ainda que com hierarquias, discrepâncias e tensões internas – partilham o sentimento de pertencimento a uma mesma sociedade organizada e, freqüentemente, a uma mesma nação.

Ao observarmos os jovens da segunda geração, no entanto, percebemos que sua socialização ocorre de forma dual, tendo como influências vetores que nem sempre apontam na mesma direção, pois seus pais e parentes são originários de nação e cultura distintas daquelas da sociedade envolvente. Assim, a socialização dessas crianças, a

formação de seus valores e crenças, ocorre em meio à grande dicotomia Brasil – EUA; dicotomia essa que se apresenta em suas vidas na relação cotidiana entre o doméstico e o público, entre a casa e a escola, entre a casa e a rua.

Uma das características da migração brasileira é o esforço familiar conjunto, a importância da família no processo. Na busca por remuneração financeira que possa proporcionar conforto e segurança para a família, todos os seus membros em idade ativa devem trabalhar. Assim, a maioria dos imigrantes – esposas e maridos, homens e mulheres, mais jovens e mais velhos – procuram somar o maior número de horas trabalhadas, acumulando, sempre que possível, dois ou mais empregos.

Em caso de gravidez, é comum que as mulheres procurem estender seu período de trabalho até os meses mais avançados da gestação – mesmo que tenham que desempenhar tarefas pesadas, como as de faxineiras (*house cleaners*) ou garçonetes. Maridos ou companheiros, por sua vez, vêm-se com a difícil tarefa de, ao mesmo tempo, aumentar os ganhos para garantir as despesas com o bebê, assim como diminuir suas horas de trabalho, para terem mais tempo com suas famílias.

O nascimento de uma criança filha de brasileiros em solo norte-americano é, em geral, um acontecimento muito festejado pela comunidade procedente do Brasil. Colunas de jornais brazucas anunciam esses nascimentos com destaque e exaltação. Segundo Sales (1999:20), o fato de ter um filho americano é visto por muitas mães e pais como uma “chave que poderá lhes abrir a porta de sua própria legalização nos Estados Unidos”; embora, esse seja um falso pressuposto, pois de fato isso não é previsto na legislação norte-americana. Além disso, o filho americano constitui um símbolo de redefinição das expectativas temporais dos casais imigrantes brasileiros, uma vez que ele promove uma

inserção muito mais profunda dos pais – e do grupo imigrante como um todo – junto à sociedade americana, afinal, os EUA passam a ser a pátria e Danbury a cidade natal de seus descendentes.

Mesmo para imigrantes não-documentados, serviços de saúde, de assistência pré-natal e de educação para as crianças são disponíveis (ibid: 20-21). A qualidade da assistência pré-natal gratuita, por si só, já seria um grande atrativo para as mães brasileiras desejarem ter seus filhos em solo norte-americano. No entanto, ressalta Sales, o que está em jogo é algo maior; é a redefinição do projeto de vida dessas pessoas (ibid:21). Assim, uma das principais razões para a mudança do caráter migratório brasileiro, de curtos períodos para períodos mais longos ou definitiva permanência, está relacionada à conformação de uma segunda geração de imigrantes, pois ela representa um alto grau de envolvimento com a sociedade de acolhida.

Há também uma grande expectativa em torno dessas crianças consideradas, pelos membros da primeira geração, como pessoas “privilegiadas”. Julgam-nas assim, pois elas não enfrentarão as mesmas dificuldades que enfrentaram seus pais, uma vez que, mais cedo ou mais tarde, terão o inglês fluente e crescerão sem as incertezas da clandestinidade. Ademais, na tentativa de minimizar as possíveis marcas de diferença que venham a contribuir para a discriminação de seus filhos junto à sociedade norte-americana, muitos pais batizam seus filhos com nomes comuns a essa sociedade. Assim, não são poucas as crianças de sobrenomes brasileiros e nomes próprios como Michael, Anthony, Jennifer, John, Linda, etc.

Quanto às mulheres grávidas, se antes do parto elas procuram adiar ao máximo a interrupção de suas atividades, após o parto a preocupação é com o breve retorno ao

trabalho – ainda que em um ritmo inicialmente mais brando. Por isso, desde cedo as crianças passam parte do dia com babás ou em creches informais. De fato, cuidar de crianças tem sido a atividade de várias mulheres. Algumas delas, especialmente as mães de família, vão para os EUA para juntar-se aos filhos e para cuidar dos netos, e acabam tomando conta de outras crianças e assim constituindo uma pequena creche em sua própria casa ou na casa de seus filhos. Essas creches quase sempre começam com crianças da família e acabam por se estender a amigos e finalmente ao público em geral. Esse é um negócio que pode ser lucrativo. Especialmente se a creche cuidar de crianças filhas de americanos, já que são deles que se cobra mais caro. Entre os brasileiros, normalmente é esperado que as relações de cobrança sejam mais camaradas e os preços menores. Em linhas gerais, pode-se dizer que quanto mais próxima for a criança da babá (em relação ao parentesco ou à amizade), maiores deverão ser os cuidados com a criança e menor o preço do serviço.

As creches conferem, em maior ou menor grau, oportunidade às crianças de aprender mais sobre o Brasil, sobre a língua portuguesa, sobre a culinária brasileira etc. No entra e sai de pais e filhos, as crianças têm contato, mesmo que inconscientemente, com as relações de parentesco e de trabalho; observam como se cumprimentam e como se despedem, qual a distância que mantêm um dos outros durante as conversas, seus distintos humores, seu “calor” ou sua “frieza”. Assim, por meio dos brasileiros, dos membros dessa comunidade, essas crianças percebem, ponderam e formulam em suas mentes o que é o Brasil; país em que muitas delas jamais colocaram seus pés. E aprender sobre o Brasil, na maioria das vezes, significa pensar comparativamente os EUA, afinal, o conhecimento dessas crianças não raramente se processa de maneira dialética. Nesse

sentido, metáforas como “os brasileiros são quentes” e “os americanos são frios” são apreendidas e reproduzidas pelos jovens da segunda geração, tornando-se um instrumental de classificação freqüente na dialogia interétnica. De fato, a noção “frio” é uma projeção de uma leitura propriamente brasileira que condena o individualismo norte-americano e suas regras de interação percebidas como rígidas e distantes. Da mesma forma, a noção “quente” combina estereótipos percebidos e reivindicados pela comunidade brasileira – como a alegria, o bom humor e a cordialidade – com concepções e imagens veiculadas nos circuitos de mídia – como a sensualidade, a liberdade e a soltura.

Mas não é apenas nas creches que há esse ir e vir de brasileiros. Em Danbury, devido aos caros aluguéis, é comum que vários parentes morem juntos e eventuais amigos “recém-chegados” do Brasil também dividam o mesmo espaço. Como sugere o antropólogo Leo Chavez, quatro são os principais tipos de moradia entre grupos imigrantes relativamente novos nos EUA (*apud* Margolis, 1994:107-8). O primeiro desses tipos seria a “moradia não-familiar” (*no-family household*), caracterizada por pessoas solteiras que dividem o mesmo espaço ou por trabalhadores domésticos que vivem na casa de seus empregadores. O segundo tipo seria a “moradia solitária” (*solitary household*), forma de moradia relativamente rara entre os novos imigrantes. Por razões econômicas e culturais, esse é o tipo menos comum de moradia entre os brasileiros de Nova York e, certamente, entre os de Danbury. O terceiro tipo é a “moradia familiar simples” (*simple family household*), onde vive um casal com ou sem filho(s) ou apenas um pai ou uma mãe com filho(s); em ambos os casos, a moradia inclui apenas uma unidade familiar. O quarto e último tipo é também a forma de moradia onde a segunda

geração de brasileiros de Danbury mais comumente tem crescido. Chamado de “moradia familiar complexa” (*complex family household*), esse tipo de moradia se caracteriza pelas mais variadas combinações de parentesco. Tal como no Brasil, a moradia familiar simples é o tipo de organização considerada ideal, contudo, mesmo esse tipo de moradia, vez ou outra, assume perfil de moradia familiar complexa, pois pressões econômicas e também redes sociais que trazem sempre novos imigrantes produzem organizações intrincadas, deixando sempre a casa cheia.

Além de suas próprias casas e das creches que comumente freqüentam, há uma outra instituição que traz novas peças para que os jovens da segunda geração montem o quebra-cabeça de suas identidades: a igreja. No processo de construção de suas identidades, os jovens da segunda geração de brasileiros vivenciam a dicotomia Brasil – EUA de forma análoga à dicotomia doméstico – público. Nesse sentido, nem mesmo as missas ou cultos em igrejas fogem à regra, afinal, ainda que tenham um aspecto público pela grande conglomeração de pessoas, os encontros religiosos são também encontros étnico-linguísticos altamente privados. Além de serem realizados em português, os encontros religiosos são endereçados apenas aos brasileiros, e não aos portugueses, por exemplo (sendo que eles também agem assim). Como sublinhou Ribeiro:

“Na igreja, amigos são feitos, relações afetivas se estabelecem e empregos podem surgir. Uma população de trabalhadores que enfrentam longas horas de trabalhos duros (realizados muitas vezes em horários incomuns), distante de suas redes de parentesco e de amigos, da sua língua e cultura, uma população na maior parte das vezes formada por pessoas em situação clandestina frente às autoridades norte-americanas, encontra na igreja e nos cultos a possibilidade de sentir-se parte

de uma comunidade de semelhantes que lhes traz segurança face a um contexto essencialmente instável e estranho.” (Ribeiro,1998c:6)

Pelo número e variedade de igrejas brasileiras que existem em Danbury é legítimo concluir que uma grande parte da população esteja ligada a alguma delas. Nas igrejas, mais do que em qualquer outra instituição doméstica, os jovens da segunda geração têm a noção de pertencer a uma comunidade de semelhantes, a um grupo. O simples fato de que as igrejas conseguem agrupar um grande número de brasileiros – homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e velhos –, num mesmo espaço, fornece detalhes preciosos para que crianças e jovens que não conhecem o Brasil produzam um esquema mental que lhes diga o que é ser brasileiro. Assim, os jovens da segunda geração – observando a forma em que os brasileiros se vestem e se comportam, os traços fenotípicos que neles se repetem, a maneira pela qual se expressam em português, suas rezas, seus cantos e orações – têm a possibilidade de aprimorar sua noção sobre a identidade brasileira, assim como sobre sua própria identidade. Ainda mais porque

“assim como as demais igrejas organizadas para atender aos imigrantes e em especial aos recém-chegados – diz Martes – as igrejas brasileiras são denominadas ‘igrejas étnicas’. Do mesmo modo que se falam ‘igrejas brasileiras’, fala-se em ‘igrejas haitianas’, ‘igrejas coreanas’ e assim por diante.” (Martes, 1999:118).

Dessa forma, as reuniões religiosas podem ser consideradas “cenários de afirmação da identidade brasileira” (Ribeiro, 1998c:3). Não apenas um cenário de afirmação externa frente à sociedade americana e às outras minorias, mas um cenário de afirmação interno à própria comunidade, que precisa desses rituais para se manter e se

reproduzir. A família e a comunidade, por meio de indivíduos e de instituições, ensinam os jovens da segunda geração o que é ser brasileiro. Juntas elas buscam formar-lhes caráter e personalidade, índole e temperamento, como é característico das relações entre filhos e pais, entre membro e comunidade.

Certamente, o conhecimento que os jovens da segunda geração adquirem sobre os códigos que orientam as entradas e saídas dos corredores culturais brasileiros é indispensável na sua própria construção identitária, na sua relação com o grupo doméstico e com a comunidade brasileira. Contudo, os códigos que organizam os labirintos culturais brasileiros e norte-americanos são distintos. Portanto, para que possam caminhar em diferentes universos de cultura, os jovens da segunda geração devem conhecer e saber aplicar com perícia ao menos esses dois leques de conhecimento. O exemplo mais claro dessa inevitável bi-culturalidade está na língua; no seu aprendizado e utilização.

Por serem maiores conhecedores da língua inglesa e por saberem desvendar com mais facilidade os códigos que regem a sociedade norte-americana, não raramente crianças e adolescentes tornam-se guias familiares no mundo público. Muitos são os casos de filhos que servem de intérpretes nas consultas médicas de seus pais, nas compras de carros ou nas negociações de aluguéis. É também muito comum que seja a criança a atender as chamadas telefônicas da casa e que também seja dela a voz na secretária eletrônica, uma vez que sua fluência no inglês costuma superar em muito a dos seus pais. Feldman-Bianco, que realizou pesquisa com imigrantes portugueses que entre os anos de 1960 e 1980 se fixaram na Nova Inglaterra, destacou os conflitos culturais e a difícil

relação entre membros de gerações imigrantes subseqüentes. É ela quem nos traz o inquietante relato autobiográfico de Maria Cunha (*apud* Feldman-Bianco,2000:135), imigrante portuguesa que ainda criança tornou-se guia e intérprete de seu pai no universo de fala inglesa:

I was on a sidewalk with Pai [Dad] trying to understand the meaning of a baffling string of words. DIVISION has something to do with math, which I did not particularly like. EMPLOYMENT I had never seen or heard before. SECURITY I knew. But not at that moment. There was a growing coldness deep inside me. “É aqui” [“It’s here”] and with that Pai reached for the door. ... Off to our left, facing the empty space before us, was a very high, green metal desk. [And] the head and shoulders of a white-haired woman appeared to rest on the big desk like a sculpted bust. Above her head the word CLAIMS dangled from two pieces of chain attached to the ceiling. As I watched the woman she lifted an arm from the desk and beckoned to us. Pai and I walked toward her... The coldness in me grew. My neck hurt. “My father can’t speak English. He has no work and we need money.” “Come around over here so I can see you,” she motioned to the side of the desk. I went reluctantly... “How old are you,” she leaned down toward me. Dangerously low. “Eight.” “My aren’t you a brave girl. Only eight years old and helping Daddy like that.” “What is she saying,” Pai wanted to know. “Wait,” I told him. The lady hadn’t yet said anything about money. “Why isn’t your father working?” “His factory burned down.” “What is she saying?” Pai repeated. “She wants to know why you aren’t working.” “Tell her the factory burned down.” “I know. I did.” The lady was looking at me. I hoped she wouldn’t ask me

what my father had just said. "What is your father's name?" "Carlos S. Cunha. C-u-n-h-a." No one could ever spell Cunha. Pai nodded at the woman when he heard his name.... "What is his social security number?" I looked at her blankly not knowing what to say. What was a social security number?... "What did she say?," Pai prompted me out of silence. "I don't know. She wants a kind of number." I was feeling very tired and worried. Pai took a small card from his wallet and gave it to the lady. "Tell your father that he must have these forms filled out by his employer before he can receive unemployment benefits." "What did she say? Can we have some money?" "I don't know. I can't understand the words." "Ask her if we can have some money," Pai insisted. "Tell her we have to pay the rent." "We need the money for the rent," I told her trying to hold back tears. "You can't have money today. You must take the forms to your father's employer and bring them back completed next week. Then your father must sign another form which we will keep here to process his claim. When he comes back in two weeks there may be a check for him." The cold in me was growing...¹¹

¹¹ Tradução: Eu estava na calçada com Pai tentando compreender o significado de uma desconcertante fileira de palavras. DIVISÃO tem algo a ver com matemática, o que eu não gostava particularmente. EMPREGO eu não tinha nunca visto ou ouvido antes. SEGURANÇA eu sabia. Mas não naquele momento. Havia um frio crescente bem dentro de mim. "É aqui" e com isso Pai alcançou a porta. ...À esquerda, voltada para o espaço vazio a nossa frente, havia uma escrivaninha muito alta, verde, de metal. E a cabeça e os ombros de uma mulher de cabelos brancos pareciam descansar na grande escrivaninha, tal como um busto esculpido. Acima de sua cabeça a palavra REQUERIMENTOS oscilava de duas correntes fixadas no teto. Assim que olhei para a mulher ela ergueu da escrivaninha um braço e acenou para nós. Pai e eu caminhamos em sua direção... O frio crescia em mim. Meu pescoço doía. "Meu pai não pode falar inglês. Ele não tem nenhum trabalho e nós precisamos de dinheiro." "Venha aqui para que eu possa ver você," ela moveu-se para o lado da escrivaninha. Eu fui relutantemente... "Quantos anos você tem," ela curvou-se em minha direção. Perigosamente baixo. "Oito." "Nossa, você é uma menina corajosa, não é mesmo. Apenas oito anos e ajudando papai dessa maneira." "O que ela está dizendo," Pai queria saber. "Espere," eu disse a ele. A mulher não havia dito nada ainda sobre dinheiro. "Por que seu pai não está trabalhando?" "Sua fábrica pegou fogo." "O que ela está dizendo?" Pai repetiu. "Ela quer saber por que você não está trabalhando". "Diga-lhe que a fábrica pegou fogo". "Eu sei. Eu disse." A mulher estava olhando para mim. Eu torcia para que ela não me perguntasse o que meu pai havia acabado de falar. "Qual é o nome do seu pai?" "Carlos S. Cunha. C-u-n-h-a." Ninguém jamais conseguia soletrar Cunha. Pai acenou com a cabeça para mulher quando ouviu seu nome... "Qual é o seu número do seguro social?" Eu olhei para ela surpresa

Com esse acúmulo de tarefas, os filhos da imigração são, sob certos aspectos, impelidos a amadurecer cedo. Com pouca idade já se tornam importantes membros do grupo doméstico, não ficando alheios às dificuldades dos seus pais. A ilegalidade e a clandestinidade, por exemplo, que pais, parentes e amigos têm que enfrentar são temas abertos e recorrentes na família. A falsificação de passaportes, a compra de vistos de residência (*green cards*), os casamentos forjados, são assuntos comuns, freqüentemente discutidos sob o olhar curioso dos mais jovens. Junto ao grupo doméstico, no entanto, tais artifícios para burlar a lei não carregam o peso moral de um crime, sendo em geral considerados estratégias informais de se propiciar melhor qualidade de vida para a família.

Dessa forma, os mais velhos ensinam aos mais novos que a intenção última de seus esforços de imigração é conseguir trabalho. E que ao pesarem os prós e os contras desse empreendimento, percebem que a boa remuneração alcançada nos EUA – mesmo sob condições ilegais de trabalho – lhes proporciona, e às suas famílias, maior sentimento de dignidade e respeito do que os raros trabalhos conseguidos no Brasil. Assim, de um modo geral, à fragilidade e às incertezas que a ilegalidade produz, a comunidade brasileira tem respondido com integridade, com uma vida dedicada ao trabalho e voltada para a família.

sem saber o que dizer. Qual era o número do seguro social?... “O que ela disse?,” Pai tirou me do silêncio. “Eu não sei. Ela quer um tipo de número.” Eu estava me sentindo muito cansada e preocupada. Pai tirou um pequeno cartão de sua carteira e o entregou à mulher. “Diga ao seu pai que ele deve ter esses formulários preenchidos pelo seu empregador antes que ele possa receber os benefícios do seguro desemprego.” “O que ela disse? Podemos receber algum dinheiro?” “Eu não sei. Eu não consigo entender as palavras.” “Pergunte a ela se nós podemos receber dinheiro,” Pai insistiu. “Diga a ela que nós temos que pagar o aluguel.” “Nós precisamos de dinheiro para o aluguel,” eu disse a ela tentando segurar as lágrimas. “Vocês não podem receber dinheiro hoje. Vocês precisam levar os formulários para o empregador do seu pai e traze-los de volta preenchidos na próxima semana. Então seu pai tem que assinar outro formulário que nós iremos guardar aqui para processar seu requerimento. Quando ele voltar, em duas semanas, talvez haja um cheque para ele.” O frio dentro de mim estava crescendo...

CAPÍTULO III

A(s) Língua(s)

*A dog approached a mother cat with her kittens. The cat **barked** several times, and the dog ran away. Turning to her kittens, the cat said, “now do you see how important it is to know a second language?”¹²*

Texto afixado no mural do Centro ESL, em Danbury.

Desde o menos educado camponês até o mais educado profissional, a língua tem sido freqüentemente citada como a principal barreira inicial confrontada pelos imigrantes recém-chegados. Aprender e viver simultaneamente em dois mundos sociais distintos é um requisito para que a adaptação do imigrante seja bem sucedida. O processo de aprendizado do inglês – particularmente para as crianças da segunda geração, no contexto institucional das escolas públicas – é uma história complexa de mútua adaptação, de acomodação de vários grupos etnolinguísticos em contextos estruturais particulares. A história da aquisição lingüística se confunde com a própria história de adaptação do imigrante à cultura norte-americana. Segundo Portes, nos EUA, a aquisição da língua inglesa sem sotaque e o abandono da língua estrangeira representam o decisivo teste de americanização (Portes & Rumbaut, 1990:182). Outros aspectos da cultura do imigrante – tais como a religião, a cozinha e as celebrações comunitárias – freqüentemente sobrevivem por várias gerações, mas a língua nativa raramente sobrevive.

¹² Tradução: Um cachorro se aproximou de uma mãe gata e de seus filhotes. A gata **latiu** várias vezes e o cachorro fugiu. Voltando-se para seus filhotes a gata disse; “agora vocês vêem como é importante saber uma segunda língua?”

Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, o uso de duas línguas não é algo excepcional, mas sim normal na experiência de uma boa parte da população mundial. Num mundo dividido em aproximadamente cento e sessenta estados autônomos e habitado por cerca de seis bilhões de seres humanos, a comunicação entre as pessoas ocorre em estimadas cinco mil línguas. Como sublinha Portes, o número de línguas é cerca de trinta vezes maior do que o número de países, e o domínio de certas línguas (tais como o chinês, o hindi, o russo, o espanhol e o inglês) – combinado às tecnologias de transporte e de comunicação, ao comércio internacional e à imigração – contribuem para a proliferação do bilingüismo (Portes, 1996).

É provável que os EUA, nos dois últimos séculos, tenham incorporado mais pessoas bilíngües do que qualquer outro país. Não obstante, a experiência norte-americana foi caracterizada pela imposição do abandono em massa das línguas que não o inglês. Nesse país, o bilingüismo foi sempre instável e transitório, tendo um ciclo de duração de não mais do que três gerações. Portes nos apresenta um padrão histórico geral:

Those in the first generation learned as much English as they needed to get by but continued to speak their mother tongue at home. The second generation grew up speaking the mother tongue at home but English away from home – perforce in the public schools and then in the wider society, given the institutional pressures for anglicization and the socioeconomic benefits of native fluency in English. The home language of their children, and hence the mother tongue of the third generation, was mostly English¹³. (Portes & Rumbaut, 1996:183).

¹³ Tradução: Aqueles na primeira geração aprenderam tanto inglês quanto necessitavam para se virar, mas continuaram a falar sua língua materna em casa. A segunda geração cresceu falando a língua materna em

O padrão de adaptação brasileiro parece estar seguindo caminho análogo. Ribeiro, que realizou pesquisa junto à comunidade brasileira em São Francisco, ressaltou que a maior entrada na vida norte-americana, realizada especialmente por meio da educação escolar, transforma as crianças em uma via de maior compreensão da cultura e língua locais (1998a:9). Conseqüentemente, informa-nos o autor, ocorre uma inversão na hierarquia familiar, pois os pais passam a depender dos filhos como tradutores e intérpretes. Ribeiro percebeu também uma “(con) fusão lingüística e cultural” interna ao grupo doméstico, pois, entre as poucas crianças “brasileiro-americanas” então observadas, havia a presença de um bilingüismo inverso ao dos pais. Ou seja, a língua de maior domínio das crianças e a mais utilizada em conversas com seus pares era o inglês.

Em Danbury, a situação é semelhante. Os voluntários brasileiros que administram as aulas de doutrina religiosa e estudos bíblicos para os jovens membros das igrejas têm se defrontado com a difícil tarefa de ensinar religião em português para crianças que nem sempre são fluentes nessa língua. Apesar de praticamente todas elas compreenderem diálogos básicos em português, não é a maioria que consegue ler nessa língua. A observação de cerca de 70 crianças de 6 a 14 anos de idade, divididas em 5 diferentes classes, mostrou serem os mais jovens, entre 6 e 8 anos, aqueles a apresentar maior desconforto com a língua portuguesa, de tal modo que as aulas precisavam ser paralelamente conduzidas também em inglês. Esses alunos demonstravam dificuldade em expressar pensamentos mais elaborados em português, tendo em inglês suas reações mais espontâneas: *Stop it!*, *Really?* etc.

casa, mas inglês fora dela – por ser necessário nas escolas públicas e na sociedade mais ampla, dadas as pressões institucionais por *anglicização* e os benefícios socioeconômicos da fluência nativa em inglês. A língua falada em casa por seus filhos e, conseqüentemente, a língua materna da terceira geração era majoritariamente o inglês.

Nas classes intermediárias, os alunos com idades entre 9 e 11 anos conversavam em inglês entre si. Falavam confortavelmente em um inglês fluente. A aula, no entanto, pôde ser conduzida em português, pois a compreensão e a expressão oral dos alunos nesta língua era bastante boa. A grande dificuldade da turma era com a leitura. Apenas uma jovem se arriscou (não sem muitos tropeços) à leitura de passagens bíblicas em português, todos os outros acompanhavam a aula em versões inglesas da bíblia. Na turma dos alunos mais velhos, com idades entre 12 e 14 anos, a aula não parecia despertar grande interesse. Agitados, os jovens, sem constrangimento, entretinham-se com conversas e brincadeiras, quase sempre em inglês.

Tais exemplos corroboram a noção de “(con)fusão lingüística e cultural”, já que a tentativa observada de articulação de dois sistemas culturais distintos mostrou-se difícil e problemática. E na tentativa de solucionar os impasses criados por essa “(con)fusão”, não é raro que as crianças e jovens optem pelo sistema cultural que garanta a elas maior entrada na sociedade envolvente, o quê muitas vezes significa certo desvencilho da língua e cultura de seus pais.

Ito-Adler, que na década de setenta estudou uma comunidade de imigrantes portugueses em Massachusetts, nordeste dos Estados Unidos, apontou para potenciais conflitos entre gerações subseqüentes. Em suas palavras:

Conflict between generations can become quite intense for numerous reasons. (...) the children are generally more Americanized than the parents, and this can be the source of strain. It is not uncommon to find houses that are

*internally bilingual; the parents speaking to the children in Portuguese and the children responding in English in the same conversation*¹⁴. (1980:47).

Ainda que a comunidade de imigrantes brasileiros seja, sob vários aspectos, distinta da comunidade portuguesa estudada por Ito-Adler, é certo que em ambas, assim como em muitas outras comunidades de imigrantes, ocorre um descompasso entre a “trajetória” e o “campo individual” dos membros das distintas gerações (Velho,1999). Afinal, como nos ensina Gilberto Velho, “a construção de identidades básicas subordina-se a constelações culturais singulares e a conjuntos de símbolos delimitáveis”, onde o que está em jogo “é um processo histórico abrangente, e a dinâmica das relações entre os sistemas culturais com repercussões na existência de indivíduos particulares” (*ibid*:39). Assim, estudando em Massachusetts um grupo de imigrantes lusófonos originários do arquipélago de Açores, Velho nos mostra como, devido às diferentes trajetórias individuais, o significado de “fazer a América” para membros de distintas gerações pode ter sentidos bastante diferentes: enquanto para os membros da primeira geração “fazer a América” relacionava-se ao bem estar material e a ascensão social, para seus filhos, o sentido de tal expressão se relacionava à idéia de liberdade, de aceitação e de pertencimento à sociedade norte-americana (*ibid*:46).

Essa busca por aceitação e pertencimento à sociedade nacional, que é tão comum aos filhos de imigrantes, freqüentemente acarreta alguma forma de rejeição por parte desses à cultura do país de seus ancestrais, ou aos representantes dela, o que quase sempre significa seus próprios pais. Velho menciona, por exemplo, um grupo de jovens

¹⁴ Tradução: Conflito entre gerações pode se tornar bastante intenso por numerosas razões. (...) as crianças são geralmente mais americanizadas do que os seus pais, e isso pode ser fonte de tensão. Não é incomum encontrar casas que são internamente bilíngües; os pais falando com os filhos em português e os filhos respondendo em inglês na mesma conversa.

imigrantes açorianos que se esforçava para falar um inglês sem sotaque, evitando utilizar o português em público e demonstrando claro constrangimento caso alguém a eles se dirigisse nessa língua (*ibid*:42).

Resta-nos questionar até que ponto a aquisição de uma língua transforma culturalmente o indivíduo, até que ponto o instrumental lingüístico fornece àquele que o adquire uma nova visão de mundo, uma nova interpretação da realidade. Seria a língua o reflexo da identidade de um povo, de seus valores e de suas concepções? Ferdinand de Saussure, um dos pais da lingüística, assim ponderou sobre esse assunto:

“Embora a língua não forneça muitas informações precisas e autênticas acerca dos costumes e instituições do povo que a usa, servirá ao menos para caracterizar o tipo mental do grupo social que fala? É opinião geralmente aceita a de que uma língua reflete o caráter psicológico de uma nação. Uma objeção bastante grave, entretanto, se opõe a tal modo de ver: um procedimento lingüístico não está necessariamente determinado por causas psíquicas.” (Saussure,1999:266)

Leach apresenta uma postura distinta à de Saussure nesse aspecto, pois, segundo o antropólogo inglês, os procedimentos lingüísticos estão sim altamente relacionados às causas psíquicas.

“Postulo que o ambiente físico e social de uma criancinha é percebido como um contínuo. Ele não contém ‘coisas’ intrinsecamente separadas. A criança, no decorrer da vida, é ensinada a impor sobre esse ambiente uma espécie de grade discriminatória que serve para distinguir o mundo como sendo composto de grande número de coisas separadas, cada uma etiquetada com um nome. Este

mundo é uma representação das nossas categorias de linguagem, não o contrário.”
(Leach,1983:178).

Ao estudar a linguagem e o tabu, Leach interpretou que a maneira pela qual os indivíduos percebem a si e ao mundo ao seu redor está altamente relacionada com as categorias de linguagem por eles utilizadas, pois elas são instrumentos de classificação; como que um quadro classificatório, socialmente estabelecido, que se aplica à natureza, ao ambiente. A linguagem, então, concluiu Leach, “faz mais do que nos prover com uma classificação das coisas. Ela realmente molda nosso ambiente e coloca cada indivíduo no centro de um espaço social ordenado de maneira lógica e segura” (*ibid*:179).

Ao aprender o inglês, sua utilização e sutilezas, os jovens da segunda geração entram em um distinto universo cultural. Conceitos como *loser* (perdedor) e *winner* (vencedor), por exemplo, carregam consigo toda uma carga cultural relacionada aos valores de sucesso e fracasso próprios da sociedade norte-americana. Compreender seus usos e significados é tarefa de qualquer estudante dessa língua, no entanto, a “internalização” e a reprodução dos valores contidos nesses e em inúmeros outros conceitos representam a adoção de distintos aspectos culturais e, portanto, de distintas maneiras de interpretar os homens e o mundo.

De fato, esses jovens imigrantes, ao serem expostos e mesmo ao se empenharem em assimilar os valores do grupo dominante, ou seja, da sociedade norte-americana, muitas vezes reproduzem crenças e valores que desprezam ou subestimam a cultura de seus pais e ancestrais. Devido à capacidade de adaptação desses jovens e aos elementos simbólicos que eles conseguem manipular, muitos dos “estigmas” culturais que poderiam neles se reproduzir são efetivamente reduzidos ou apagados. Contudo, como a influência

dos filhos sobre os pais é limitada e estes já não possuem – devido à suas trajetórias particulares – nem meios nem motivação para remodelar suas condutas ou melhorar sua proficiência na língua, não é raro que as figuras paterna e materna sejam vistas com reprovação e embaraço. Esse foi o caso da escritora Amy Tan. Nascida nos Estados Unidos e filha de imigrantes chineses, ela ponderou sobre a difícil relação com sua mãe:

*Lately, I've been giving more thought to the kind of English my mother speaks. Like others, I have described it to people as "broken" or "fractured" English. But I wince when I say that. It has always bothered me that I can think of no way to describe it other than "broken", as if it were damaged and needed to be fixed, as if it lacked a certain wholeness and soundness. I've heard other terms used, "limited English", for example. But they seem just as bad, as if everything is limited, including people's perceptions of the limited English speaker. I know this for a fact, because when I was growing up, my mother's "limited" English limited my perception of her. I was ashamed of her English. I believed that her English reflected the quality of what she had to say. That is, because she expressed them imperfectly her thoughts were imperfect.*¹⁵

Sem dúvida, a rede de sociabilidade (externa ao grupo doméstico) dos jovens de segunda geração tem um enorme peso em suas vidas. Contudo, os laços e lealdades

¹⁵ Fonte: www.people.virginia.edu/~pmc4b/spring98/readings/Mother.html

Tradução: Recentemente, estou dando mais atenção ao tipo de inglês que a minha mãe fala. Como outras pessoas eu tenho descrito o seu inglês como “quebrado” ou “fraturado”. Mas eu estremeço quando falo nisso. Sempre me incomodou o fato de eu não conseguir pensar em outro modo para descrevê-lo que não “quebrado”, como se fosse defeituoso e precisasse ser consertado, como se faltasse uma certa totalidade e sonoridade. Já ouvi outros termos que são usados, como “inglês limitado”, por exemplo. Mas eles me parecem ruins da mesma forma, como se tudo fosse limitado, incluindo as percepções das pessoas em relação ao falante do inglês limitado. Eu sei isso de fato, porque quando eu estava crescendo, o “inglês limitado” da minha mãe limitou a minha percepção dela. Eu tinha vergonha do seu inglês. Acreditava que o seu inglês refletia a qualidade do conteúdo da sua fala. Isto é, por que ela se expressava imperfeitamente, seus pensamentos também eram imperfeitos.

dos filhos sobre os pais é limitada e estes já não possuem – devido à suas trajetórias particulares – nem meios nem motivação para remodelar suas condutas ou melhorar sua proficiência na língua, não é raro que as figuras paterna e materna sejam vistas com reprovação e embaraço. Esse foi o caso da escritora Amy Tan. Nascida nos Estados Unidos e filha de imigrantes chineses, ela ponderou sobre a difícil relação com sua mãe:

*Lately, I've been giving more thought to the kind of English my mother speaks. Like others, I have described it to people as "broken" or "fractured" English. But I wince when I say that. It has always bothered me that I can think of no way to describe it other than "broken", as if it were damaged and needed to be fixed, as if it lacked a certain wholeness and soundness. I've heard other terms used, "limited English", for example. But they seem just as bad, as if everything is limited, including people's perceptions of the limited English speaker. I know this for a fact, because when I was growing up, my mother's "limited" English limited my perception of her. I was ashamed of her English. I believed that her English reflected the quality of what she had to say. That is, because she expressed them imperfectly her thoughts were imperfect.*¹⁵

Sem dúvida, a rede de sociabilidade (externa ao grupo doméstico) dos jovens de segunda geração tem um enorme peso em suas vidas. Contudo, os laços e lealdades

¹⁵ Fonte: www.people.virginia.edu/~pmc4b/spring98/readings/Mother.html

Tradução: Recentemente, estou dando mais atenção ao tipo de inglês que a minha mãe fala. Como outras pessoas eu tenho descrito o seu inglês como "quebrado" ou "fraturado". Mas eu estremeço quando falo nisso. Sempre me incomodou o fato de eu não conseguir pensar em outro modo para descrevê-lo que não "quebrado", como se fosse defeituoso e precisasse ser consertado, como se faltasse uma certa totalidade e sonoridade. Já ouvi outros termos que são usados, como "inglês limitado", por exemplo. Mas eles me parecem ruins da mesma forma, como se tudo fosse limitado, incluindo as percepções das pessoas em relação ao falante do inglês limitado. Eu sei isso de fato, porque quando eu estava crescendo, o "inglês limitado" da minha mãe limitou a minha percepção dela. Eu tinha vergonha do seu inglês. Acreditava que o seu inglês refletia a qualidade do conteúdo da sua fala. Isto é, por que ela se expressava imperfeitamente, seus pensamentos também eram imperfeitos.

familiares jamais são completamente rompidos, pois são indubitavelmente eles a maior rede de segurança desses jovens. Desse modo, a emergência de projetos individuais, elaborados pelos membros da segunda geração, não acarreta rompimento necessário com os projetos concebidos por seus pais, e sim, o desenvolvimento de processos de negociação da realidade que possibilitem, a um só tempo, a manutenção do projeto individual e a convivência familiar.

Além disso, é também verdade que os imigrantes brasileiros contam com certas peculiaridades que podem estabelecer distinções inéditas e significativas na negociação entre as culturas brasileira e norte-americana. Em primeiro lugar, é importante sublinhar que os brasileiros que vão para os EUA compõem um grupo de nível educacional elevado¹⁶, estando por isso mais inclinados a apoiar e a valorizar a língua e a cultura natal como componentes significativos na formação sociocultural de seus filhos (Portes & Rumbaut,1990:215). Em segundo lugar, os filhos dos imigrantes têm disponível um razoável suporte institucional concebido para garantir o aprendizado da língua portuguesa, tais como aulas de português como segunda língua, oferecidas por diversas associações de apoio ao imigrante. Também através da televisão, os jovens da segunda geração poderão se interessar e acurar sua percepção sobre o Brasil, afinal, vários dos imigrantes brasileiros têm acesso aos canais internacionais da Rede Globo e da Rede Record, os quais têm toda sua programação em português.

Outro ponto a ser destacado, é o atual status do bilingüismo entre os imigrantes e os norte-americanos. De acordo com Portes, nos Estados Unidos, até início dos anos 60, o

¹⁶ Em Boston, segundo Martes, o grau de instrução média dos imigrantes brasileiros é bem mais elevado do que o da população brasileira em geral, tendo cerca de metade dos entrevistados o segundo grau completo ou incompleto (Martes,1999:52). Em Nova York, segundo Margolis, esse índice é ainda mais expressivo, tendo 46% dos entrevistados freqüentado a universidade no Brasil (Margolis, 1994: 88)

bilingüismo foi percebido como uma ameaça à soberania nacional, além de ser considerado fator gerador de pessoas “intelectualmente limitadas” (Portes & Rumbaut, 1990:184). Nos dias atuais, entretanto, esse quadro é outro, sendo cada vez mais patente que o conhecimento de línguas é um capital intelectual de grande proveito cultural e profissional para os seus falantes. Assim, ainda que as pressões para se aprender o inglês e tê-lo como língua principal sejam muito fortes, é possível que as novas gerações não sejam induzidas a abandonar a língua (e a cultura) de seus ancestrais, tal como foi imposto a outras gerações em períodos anteriores.

As ideologias norte-americanas relativas à segmentação étnica se transformaram bastante nas últimas duas décadas, com discussões e políticas marcadas pelo multiculturalismo, por exemplo. Neste universo, a escola tem um papel central. É para ela que agora direcionamos nosso foco.

CAPÍTULO IV

O Sistema Educacional Público de Danbury

O sistema de escolas públicas de Danbury reconhece que estudantes com proficiência limitada em inglês devem adquirir cultura e linguagem adicionais. Portanto, os imigrantes brasileiros, assim como quaisquer outros estrangeiros que queiram ter seus filhos na escola, devem primeiro encaminhar-se ao Centro de Recepção ISL – Inglês como Segunda Língua – (*ESL Reception Center*). Esse centro é um estabelecimento preparado para receber e matricular estrangeiros nas escolas e em programas especiais de ensino de inglês como segunda língua, fornecendo-lhes informações sobre transporte, horário e regulamentos desses programas e instituições. Vários dos funcionários do centro falam mais de uma língua e os quadros de avisos e os folhetos informativos são impressos nos mais variados idiomas.

A presença do futuro aluno e de um responsável é indispensável no processo de matrícula, mas não raramente pais, irmãos e vários parentes acompanham os jovens nesse importante dia, pois todos querem saber qual a escola e o programa de ensino de inglês que serão designados à criança. Caso ela tenha um nível de fluência perfeito ou muito bom, será dispensada dos programas especiais de ensino de inglês como segunda língua, e será matriculada no curso regular, chamado *Mainstream*. Por isso, a primeira preocupação dos funcionários que recebem essas pessoas é a de averiguar a proficiência em língua inglesa dos futuros alunos. Para tanto, um questionário com três perguntas-chave é apresentado ao responsável da criança. As perguntas são as seguintes:

- 1) Qual a língua que sua criança primeiro aprendeu a falar?
- 2) Qual é a principal língua falada por você ou por outras pessoas na sua casa?
- 3) Qual a língua que a sua criança costuma falar em casa?

Para que uma criança seja imediatamente matriculada no curso *Mainstream*, a resposta das três perguntas deverá ser “inglês” (*English*). Se apenas uma dessas respostas for diferente de “inglês”, a criança será submetida a testes para avaliar seu conhecimento dessa língua. Todas as crianças recebem o teste no próprio Centro ISL, com exceção apenas daquelas com 15 anos ou mais, que recebem seus testes nas escolas de 2º grau, as *High Schools*, onde deverão ser matriculadas. Esses testes são realizados individualmente com um professor e duram cerca de 15 minutos no Centro ISL e um pouco mais nas *High Schools*. Então, dependendo do resultado dos testes, da idade da criança e de seu lugar de moradia, escola e programa de inglês serão escolhidos.

Todos os estudantes de Proficiência Limitada em Inglês – PLI (*Limited English Proficiency*) são encaminhados para o programa ISL. Além disso, os estudantes PLI que falam espanhol ou português podem ser encaminhados para os programas de estudo bilíngües. Os programas bilíngües em espanhol são oferecidos em três escolas, a *Hayestown Avenue School*, a *Rogers Park Middle School* e a *Danbury High School*. Os programas bilíngües em português são oferecidos em duas escolas, a *Stadley Rough School* e a *Danbury High School*. Eis a definição dos programas segundo documento explicativo do próprio centro:

MODELOS DE ISL

Elementary – Séries: Jardim de Infância à 5ª

- *Sheltered Immersion Classes* (Turmas Concentradas de Ensino Intensivo) – para os estudantes que requerem uma abordagem altamente concentrada de ISL para adquirir proficiência em inglês.
- *Pull Out* (Em trânsito) – Os estudantes de uma ou mais turmas ou níveis escolares participam de turmas especiais de ensino intensivo durante parte do dia. Em outros casos, o especialista de ISL trabalha com estudantes de proficiência limitada em inglês (PLI) em suas próprias salas de aula e serve de recurso para as professoras regulares da turma.
- Turma de Ensino Regular/Co-ensino – esse componente irá aumentar a quantidade de tempo que os professores de ISL gastam na instrução direta aos estudantes PLI na turma de ensino regular e reduzir o tempo de remoção dos estudantes da sala de aula para pequenos grupos de ensino intensivo.
- *Middle e High School* – Séries: 6^a à 8^a e 9^a à 12^a

Três níveis de turmas de ISL são oferecidos nas escolas secundárias. Nas áreas de substância curricular são oferecidas turmas concentradas de inglês (*Sheltered English*). Essas turmas são ensinadas por professores regulares que recebem instrução no serviço sobre maneiras de tornar a matéria curricular compreensível para os estudantes PLI.

MODELOS BILÍNGUES

Bilíngüe Português

- *Elementary* - Séries: Jardim de Infância à 5ª

Os estudantes que falam português, matriculados na *Stadley Rough School*, recebem ajuda de um professor bilíngüe, que fornece seus serviços numa abordagem *pull-out* (em trânsito).

- *Middle School* – Séries: 6ª à 8ª

Programa em português oferecido na *Rogers Park Middle School* para os estudantes que falam português. É um programa *pull-out* (em trânsito) na qual são oferecidos um ou dois períodos de ajuda na língua nativa retirando-os das turmas regulares de idioma inglês, dependendo da necessidade.

- *High School* – Séries: 9ª à 12ª

O programa bilíngüe em português, num período de dois anos, permite aos alunos de idioma português da *High School* participar de turmas das áreas de conteúdo curricular ensinadas principalmente em sua língua nativa.

Para vários brasileiros, especialmente para os pais de alunos, o Centro de Recepção ISL é bastante conveniente, pois possui funcionários que falam português, nivelam o conhecimento de inglês de seus filhos e os encaixam em programas nos quais recebem auxílio de professores bilíngües. No entanto, apesar do aparente benefício que os programas ISL e Bilíngüe oferecem, muitas são as vozes, dentro e fora da comunidade brasileira, contrárias a esse tipo de educação. As principais reclamações referem-se à duração desses programas, considerada demasiadamente longa, e à política *pull out*, considerada discriminatória e mesmo segregacionista por retirar o aluno da sala de aula.

Alguns membros da comunidade brasileira consideram que o período de seis meses ou um ano seria tempo suficiente para que as crianças estivessem completamente adaptadas ao curso regular e pensam que nesse sentido é que os esforços dessas instituições deveriam ser conduzidos. Contudo, a grande maioria das crianças é mantida nos programas por dois, três, quatro ou mesmo cinco anos. E apenas mediante prova e entrevista elas podem passar para o curso regular.

Nas escolas do sistema educacional de Danbury – assim como na maioria das escolas norte-americanas – diferentes classes, com diferentes níveis de complexidade no conteúdo, são oferecidas aos alunos de uma mesma série escolar. Ao participarem dos programas ISL ou Bilíngüe, as crianças são matriculadas nas turmas de conteúdo mais básico, sob a alegação de que elas necessitariam de maior conhecimento de inglês para acompanhar as turmas avançadas. O resultado dessa política é uma formação escolar mais fraca entre aqueles que participam dos programas de ensino ISL, se comparados àqueles que seguem o curso regular. Em razão disso, alegam os estudantes de segunda geração, a entrada na universidade passa a ser muito mais difícil, reduzindo o mercado de trabalho a atividades e carreiras menos promissoras. Tal política causa descontentamento nos mais diversos segmentos étnicos residentes nos EUA e alimenta um fervoroso debate nacional sobre a eficácia ou não desse sistema. Assim se expressou um brasileiro natural do Espírito Santo, hoje com 21 anos, morador de Danbury desde os 11:

“O *ESL* [ISL] é uma fábrica de funcionários do McDonald’s e do Burger King! Quem está no *ESL* nunca pega as turmas avançadas. Quando você é criança até que acha bom, porque não tem que estudar muito, tudo é muito facinho e tal.

Mas aí, você pode até se formar, mas quando for aplicar para o *College*, vai estar com o currículo fraco.”

Em suma, as críticas à política de ensino do inglês como segunda língua repousam sobre a idéia de que os programas oferecidos são concebidos, em primeiro lugar, não para ajudar as minorias a entrar e participar ativamente do sistema educacional americano, mas sim para assegurar que essa entrada seja lenta e gradual, de forma que os filhos dos americanos não sejam prejudicados e se perpetuem enquanto elite educacional. Como consequência, para evitar essa e outras políticas consideradas “discriminatórias”, muitos brasileiros (assim como membros de outras minorias) têm procurado incentivar seus filhos (especialmente aqueles nascidos nos EUA) a desde cedo terem o inglês como primeira língua. Assim, quando estiverem em idade escolar, seguirão o programa de ensino regular.

Política e Diversidade Étnica

Apresento a seguir três pares de gráficos que nos ajudam a compreender melhor as divisões étnico-lingüísticas do sistema educacional de Danbury. Os gráficos “A” (1A, 2A e 3A) são referentes a dados do ano letivo de 2000, enquanto os gráficos “B” (1B, 2B e 3B) referem-se a dados do ano letivo de 2001.

O primeiro par de gráficos (gráficos 1A e 1B) apresenta o país natal dos estudantes matriculados em algum dos programas oferecidos pelo Centro ISL. Em 2000, o Centro matriculou e enviou para os programas ISL e Bilíngüe 420 estudantes; em 2001, esse número foi de 335 estudantes. Nos gráficos 1A e 1B pode-se perceber o destaque

numérico dos estudantes nascidos no Brasil; 115 em 2000 e 105 em 2001. Ainda que o número geral de estudantes matriculados no Centro tenha diminuído de um ano para o outro, o decréscimo no número de brasileiros foi pouco acentuado, indicando certa constância no seu fluxo migratório.

Se observarmos as cinco minorias que, após o Brasil, mais contribuem com estudantes teremos, em ambos os gráficos, cinco grupos falantes da língua espanhola. São a República Dominicana e o Equador os que mais se destacam, ambos com altos índices de entradas nos dois anos observados. Ainda que alguns países “falantes do espanhol” demonstrem grandes variações nos números de um ano para o outro – caso da Guatemala, que teve nove estudantes em 2000 e nenhum em 2001 –, é certo que como comunidade lingüística os falantes de espanhol superam os falantes do português. São poucos os estudantes originários de Portugal – único país da lista que, juntamente com o Brasil, fala o português. Em 2000, quatro foram os estudantes portugueses a serem matriculados no Centro; em 2001, esse número chegou a seis. Apesar de parecerem valores diminutos – especialmente se comparado aos números brasileiros –, esses são valores expressivos, pois indicam a presença de fluxo migratório originário desse país em época que são raríssimos os imigrantes da Europa Ocidental. Com exceção de exemplos isolados – como o caso de um único estudante do Reino Unido matriculado em 2000 e de dois canadenses matriculados em 2001 – a esmagadora maioria dos estudantes de origem estrangeira são provenientes de países do Terceiro Mundo, fato condizente com os fenômenos migratórios contemporâneos.

Gráfico 1A:

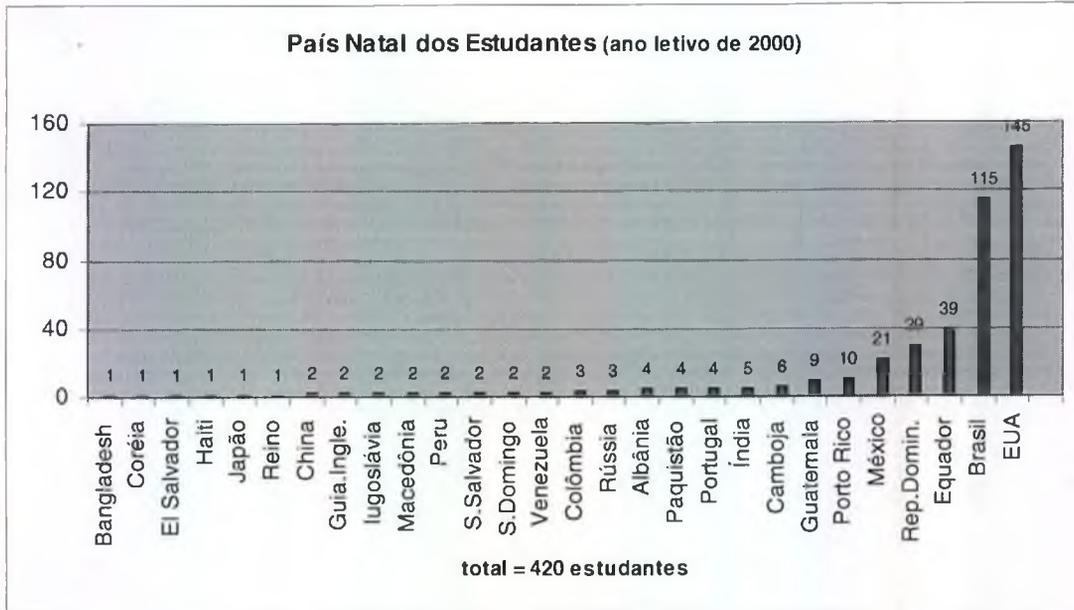
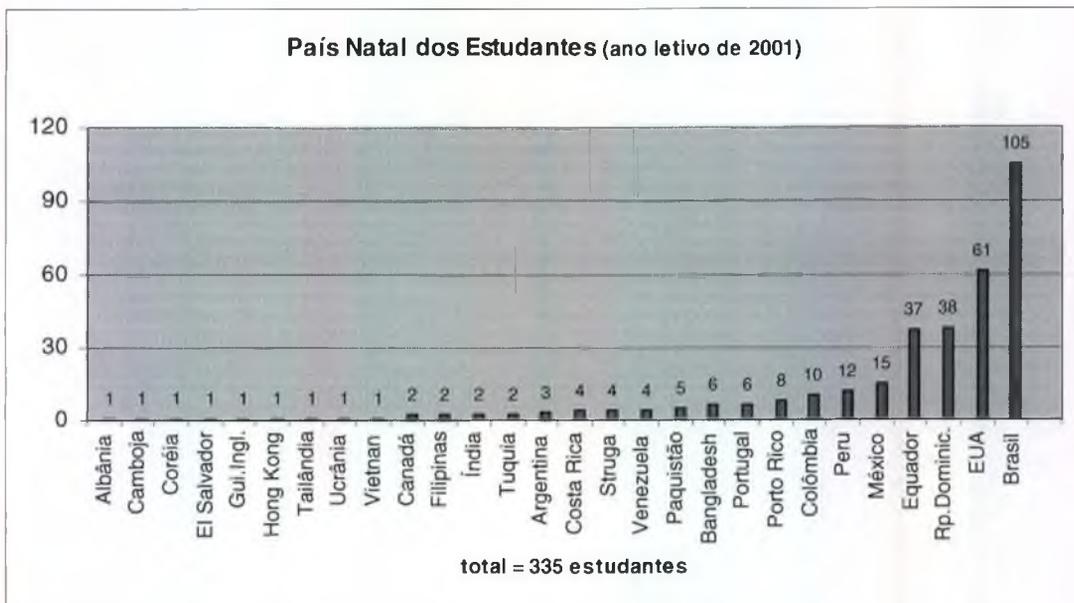


Gráfico 1B:



E esses mesmos fenômenos migratórios acabaram por produzir arranjos étnicos bastante peculiares em Danbury, pois, apesar de ser o espanhol a principal língua das minorias da cidade, países como México, Cuba e Porto Rico – que tradicionalmente muito contribuem para as ondas migratórias – têm pequena expressão no mosaico étnico da região, dominado por brasileiros, dominicanos e equatorianos.

Os gráficos 2A e 2B revelam o país natal dos pais e mães dos imigrantes de segunda geração nascidos nos EUA. Dos 145 estudantes nascidos naquele país e matriculados em 2000, 36 são filhos de pai e mãe dominicanos, 21 têm pais equatorianos e 18 têm pais brasileiros. Em ambos os gráficos, são os dominicanos os que mais se destacam. Além de liderar os dois gráficos relativos a ascendência dos estudantes nascidos nos EUA, os dominicanos apresentam acentuada tendência para casamentos extra-nacionais dentro do mesmo grupo lingüístico, ou seja, casam-se freqüentemente com indivíduos de outras nacionalidades, porém falantes do espanhol. A exceção fica por conta de dois casais de brasileiros e dominicanos.

Não obstante, a proximidade lingüística do português e do espanhol e a condição latino-americana de brasileiros e dominicanos (ou de brasileiros e cubanos, como é o caso de outro casal), confirma que proximidades lingüísticas e culturais são de grande importância para o estabelecimento de uma unidade familiar. No caso dos falantes do espanhol, a noção de pertencimento a uma comunidade nacional freqüentemente se flexibiliza para a noção de pertencimento a uma comunidade lingüística ou cultural.

Gráfico 2A:

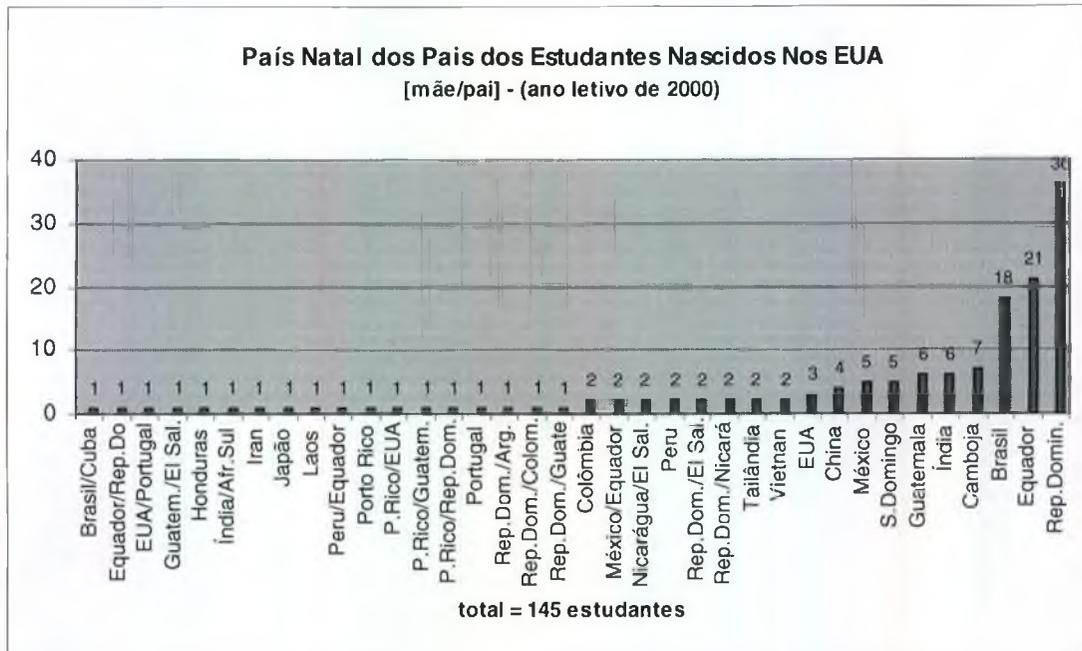
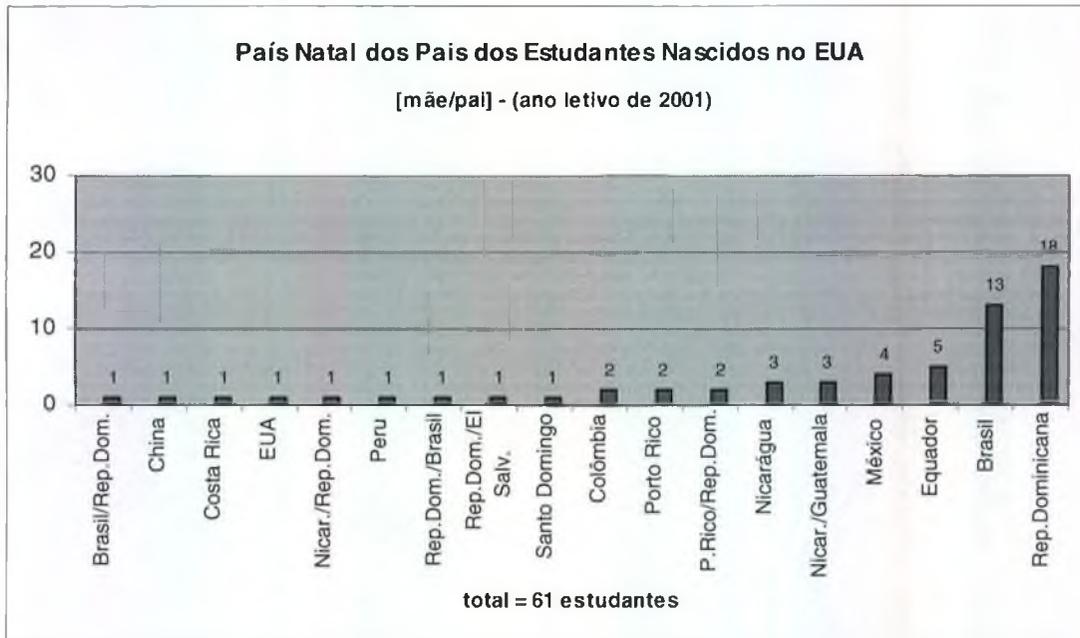


Gráfico 2B:



Quanto às uniões entre norte-americanos e estrangeiros, os gráficos demonstram pequena frequência. Apenas dois casais apresentam esse perfil; um com esposa norte-americana e marido português e outro com esposa porto-riquenha e marido norte-americano. Quanto aos casamentos “arranjados” ou “fictícios” entre norte-americanos e imigrantes não-documentados que buscam a legalização, esses não estão discriminados nos gráficos, afinal, de tais uniões não surgem descendentes.

Ainda em relação aos norte-americanos, há um fato curioso a ser destacado nos gráficos 2A e 2B. Em 2000, três casais e em 2001, um casal de pais de estudantes nascidos nos EUA também eram originários desse mesmo país. Tal fato demonstra uma terceira geração de imigrantes ainda sem completa absorção da língua inglesa. De acordo com uma antiga funcionária do Centro ISL, ao menos dois desses casais nascidos nos EUA são de ascendência mexicana, tendo nascido em fazendas norte-americanas próximas à fronteira dos dois países, EUA e México, e tendo sido criados em enclaves étnicos onde a língua espanhola foi preservada. Agora, em Connecticut, onde ofertas de trabalho e redes de amizade os levaram, continuam a utilizar o espanhol dentro de casa, com seus filhos.

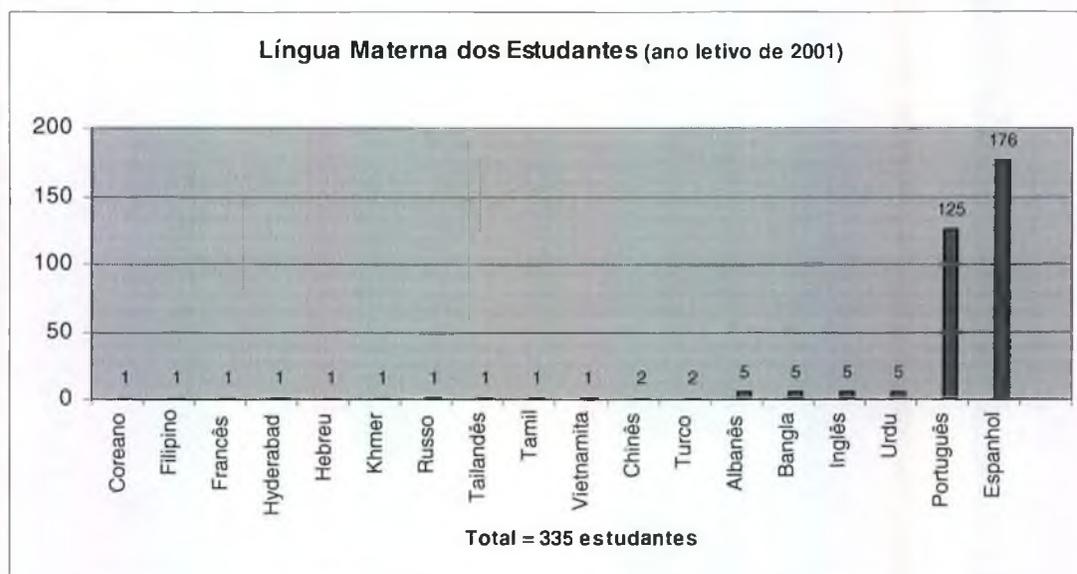
Os gráficos 3A e 3B indicam a língua materna ou de ancestralidade dos estudantes matriculados no Centro ISL nesses dois anos consecutivos, 2000 e 2001. Com membros oriundos de mais de 10 países e localidades, a comunidade lingüística espanhola é a maior de todas. Maior mesmo do que a comunidade lingüística portuguesa, que conta com muitos brasileiros ou descendentes desses e também com alguns poucos indivíduos nascidos ou com ancestralidade em Portugal.

Como pode ser observado nos gráficos, alguns estudantes estrangeiros têm o inglês como língua materna. Por serem estrangeiros eles são encaminhados para o centro ISL, mas para serem matriculados no curso regular deverão demonstrar leitura, escrita e oralidade condizentes com sua idade e série escolar nos EUA.

Gráfico 3A:



Gráfico 3B:



Analisando dados sobre os estudantes matriculados nas escolas de Danbury, podemos ter uma dimensão do tamanho da segunda geração de brasileiros na cidade. Tais dados revelam a proporção de estudantes para os quais o português é a mais importante língua falada em casa. Dos 9.151 estudantes que compunham o sistema educacional público de Danbury em 2001, 2.692 ou 29,4% eram estudantes falantes de língua que não o inglês, e 735 ou cerca de 8,0% do total tinham o português como primeira língua (ver Quadro 1). Partindo da constatação de que a esmagadora maioria dos falantes do português são brasileiros de origem ou descendência, tem-se os brasileiros de segunda geração como a mais expressiva minoria nacional de todo esse sistema multicultural de educação. Mesmo divididos em 17 escolas, em cada uma delas os falantes do português, assim como os falantes de espanhol, conformam grupos expressivos.

E nesse universo de diferenças, pertencer a um grupo significa mais poder e segurança para seus membros. Alguns estudantes brasileiros confirmam que por serem muitos se sentem mais respeitados e protegidos:

“ – O fato de nós sermos muitos às vezes aborrece os americanos. Eles chegam pra gente e falam meio despeitados: *The Brazilians are taking over Danbury!*” [Os brasileiros estão tomando Danbury!]

“– E o que vocês fazem?”

“– A gente ri e responde: *Yeah, we're taking over Danbury!*” [Sim, nós estamos tomando Danbury!]

“–Ninguém mexe com a gente não. Só na *High School* tem uns 200 brasileiros.”

Quadro 1: Número de Estudantes Falantes de Língua que Não o Inglês, por escola.
 (A,B,C etc = escolas de Danbury. Em destaque, as 5 línguas mais faladas.)
 [Total de Estudantes = 2692]

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P	Q	R	TOTAL
Albanês				2	2	2	3				3	1			2	7	9	31
Alemão				1						1								2
Árabe			1		1	1	4	1		2					3	2	8	23
Assírio													1					1
Bangla						1					1					3	4	9
Bengali	1	1		1						2		3		29	2		3	42
Búlgaro				1														1
Cantonês														6			4	10
Chinês	1	6	2	2	1		1	4	2	2	3	3	3			9	32	71
Coreano			3										3				1	7
Edo																1		1
Espanhol	17	91	37	29	30	47	79	70	39	70	49	62	56	11	140	180	268	1275
Filipino	1										1	1	1				2	6
Finlandês													1					1
Flamengo																	1	1
Francês	1					1				1				1		2	4	10
Grego									1								2	3
Gujarati		1		2	2	1	3	6		1	2	3	9		7	2	9	48
Haitiano				3	3		5				1	1						13
Hebreu						1											2	3
Hindi		2	1	1	1	1				1			1	1	3	3		15
Húngaro														1			1	2
Italiano					2		2									4		8
Japonês			2													1		3
Khmer	5	2	6	1	8	9	19	15		3	3	1	10	4	10	26		122
Laosiano	1	6		1	1	2		1	3	5	1		2	3	8	4	10	48
Macedônio														2			1	3
Malaio		1											1	1	2	1		6
Mandarim														1			4	5
Marathi																	1	1
Polonês											1			1			4	6
Português	10	18	25	15	17	10	30	41	8	51	49	43	56	6	66	99	191	735
Punjabi		3										2					2	7
Romeno				1		1												2
Russo								1						1				2
Servo-croata														1	1	1		3
Tagalog											1						1	2
Tailandês		2			1	1		2		1	3	1		2		2	8	23
Taiwanês								1										1
Tamul						1					1	1						3
Telugu		3									2	2		1		1		9
Turco							2				1					4	1	8
Ucraniano							2										1	3
Urdu		9			1		1	2	5	1	1	3	5		9	2	13	52
Vietnamita	3	1	1	3	1			3	2	2	3		5	1	15	4	21	65

Da mesma forma que unidade lingüística e nacional traz afinidade àqueles que a partilham, as diferenças de língua e de pátria podem criar tensões e rivalidades. De fato, a noção de que a língua unifica os homens, que reflete sua identidade e que estabelece fronteiras entre o “nós” e o “outro” não é recente. As primeiras páginas do Velho ou Antigo Testamento contam-nos a história de Babel; um mito sobre a formação das línguas e da conseqüente divisão dos povos, os quais, com diferentes falas, desarticulam-se e se “outrificam” uns aos outros. Eis alguns dos versículos dessa história milenar:

“E era toda a terra duma mesma língua, e duma mesma fala.

E aconteceu que, partindo eles do Oriente, acharam um vale na terra de Sinear, e habitaram ali.

E disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos, e queimemo-los bem. E foi-lhes o tijolo por pedra, e o betume por cal.

E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que sejamos espalhados sobre a face de toda a terra.

Então desceu o senhor para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam;

E disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer.

Eia, desçamos, e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro.

Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade.

Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o senhor a língua de toda a terra, e dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra¹⁷.”

¹⁷ Gênesis, 11.

Tão antiga passagem identifica a língua como a amarra que mantém os povos juntos; uma amarra mental que traz unidade e organização a suas idéias e crenças. Da mesma forma, indica a ausência de unidade lingüística como o principal elemento deflagrador da segmentação e da discórdia.

De uma forma distinta, porém análoga ao mito, um dos principais desafios enfrentados pelos alunos é em consequência do alto grau de diversidade étnico-lingüístico-cultural existentes nas escolas. Num ambiente tão diversificado, a segregação inevitavelmente ocorre. Nas 17 escolas que compõem o sistema educacional de Danbury, cerca de 45 diferentes línguas e dialetos são falados. Obviamente, o inglês é a língua franca entre os grupos, mas internamente a cada segmento pode-se encontrar diferentes falas.

Nesse convívio com a diferença, os indivíduos dos distintos grupos refinam e aprimoram suas noções de identidade; classificam e são classificados. Dessa forma – relatam alguns brasileiros de segunda geração – é convivendo com cambojanos, com vietnamitas e chineses que os brasileiros reconhecem sua “ocidentalidade”. É convivendo com budistas, xintoístas e mulçumanos que se percebem cristãos. Em meio a um mosaico étnico e racial, os brasileiros também reconhecem a diversidade de sua cor. Assim, nos jogos interétnicos de identidade, ou seja, nas aproximações e nos distanciamentos entre os grupos, essa jovem comunidade de brasileiros se percebe como conhecedora do alfabeto ocidental moderno (uma barreira para muitos povos), como falante de língua “semelhante ao espanhol”, como mestiça e cristã.

A escola é, sem dúvida, uma das instituições de maior importância na vida dos jovens de segunda geração. É na escola, mais do que em qualquer outra instância de suas vidas sociais, que os jovens imigrantes aprendem a língua e os valores da sociedade norte-americana. O conteúdo de ensino é altamente político, com a exaltação do sentimento nacionalista e uma preferência marcante por tudo quanto é próprio da nação norte-americana. Desde as primeiras séries escolares, as atividades e as matérias abordam e exaltam símbolos dos EUA, como a sua bandeira, seus presidentes, seus feriados, a Casa Branca etc. Além disso, valores e comportamentos próprios do que se convencionou chamar de *American way of life* – tais como o consumo e o conforto material – são reproduzidos e elogiados. O juramento à bandeira norte-americana, por exemplo, é um ritual cotidiano de devoção à pátria onde, não raramente, imigrantes são impelidos (e mesmo constrangidos) a participar. Alguns brasileiros relatam que, após insistirem, foram dispensados dessa solenidade, conquistando o direito de manterem-se calados durante o juramento. No entanto, na maioria das vezes não há essa opção, pois o pensamento geral de professores e coordenadores é semelhante ao da funcionária do Centro ESL, que afirma:

If they come to this country, they must accept things the way they are. They cannot have the best of both worlds. If they don't like our ways, they shouldn't come to the U.S.¹⁸.

Percebe-se, portanto, que apesar de receber um grande número de imigrantes em suas escolas, os educadores estão pouco propensos a se flexibilizar culturalmente. Essa

¹⁸ Se eles vêm para esse país, eles têm que aceitar as coisas da forma que elas são. Eles não podem ter o melhor de ambos os mundos. Se eles não gostam das nossas maneiras, eles não deveriam vir para os EUA.

flexibilidade, na concepção desses educadores, deve ser unilateral, partindo sempre dos estrangeiros. Assim se expressou a mesma funcionária:

... nobody invited them here, ... , if they want to stay, they better learn our ways. We have people from all over the world in our schools... We had this girl from Cambodia that was out sick one day and showed up at school full of bruises and scratches! She had black and blues all over her body! Then, we found out that her own parents had done that, because they believed that it would somehow help her to get better, that the spirits, or whatever, would leave her body. But what could we do? We cannot allow people to do that to their children! So, we called the police!¹⁹

Dessa forma, nas escolas os alunos conhecem mais de perto a estrutura étnica de poder vigente naquele país. Nas instituições de ensino, os estudantes brasileiros desenvolvem ou aperfeiçoam sua capacidade de se localizar etnicamente, assim como a localizar outros grupos e indivíduos. Percebem desde cedo que as escolas “são instituições de ensino essencialmente políticas com atuações algumas vezes sutis, mas indubitavelmente reais nas configurações do poder político, econômico, social e cultural” daquele país (Rosenfeld, 1997:78).

¹⁹ Tradução: ...ninguém os convidou aqui, ..., se eles querem ficar, eles devem aprender as nossas maneiras. Nós temos pessoas de todas as partes do mundo nas nossas escolas... Nós tínhamos essa garota do Camboja que estava doente e se ausentou por um dia e quando apareceu na escola estava cheia de machucados e arranhões! Ela tinha hematomas em todo o seu corpo! Então, nós descobrimos que seus próprios pais tinham feito aquilo, pois eles acreditavam que isso iria de alguma forma ajuda-la a melhorar, que os espíritos, ou sei lá o quê, iriam deixar o seu corpo. Mas o que nós podíamos fazer? Nós não podemos permitir que as pessoas façam isso com seus filhos! Então, nós chamamos a polícia!

CAPÍTULO V

Noções de Identidade e Pertencimento

Todo ser humano necessita do reconhecimento, por parte de outros seres humanos, de sua identidade pessoal e de grupo (Taylor, 1993). Isso equivale a dizer que grupos e indivíduos reivindicam o direito de serem eles mesmos, de agir e de se expressar dentro de um modelo próprio, orientado por suas tradições e condições étnicas, crenças religiosas e nacionalismos, pela suas noções de pessoa e por mais uma longa série de saberes e concepções que constroem suas interpretações do mundo. Nessa reivindicação da diferença, os grupos se apresentam como manifestações distintas de uma mesma humanidade. Problemas emergem quando – num exercício obrigatório da mente humana – a classificação nós/outros estabelece hierarquias e parâmetros de “como se deve ser”. Apesar dessa hierarquia ser mentalmente arquitetada por todos os grupos, são apenas alguns deles, devido a sua posição de poder, que difundem essa espécie de classificação dos povos. Tal classificação, pode-se dizer, é quase sempre realizada de maneira tendenciosa, retratando os grupos minoritários segundo depreciativos estereótipos (Herzfeld,1992:73).

Num esforço de reverter essas concepções distorcidas, grupos das mais variadas origens se empenham em transmitir imagens mais acuradas e positivas de si mesmos. Nos Estados Unidos, por exemplo, políticas como a ação afirmativa (*affirmative action*) e o multiculturalismo lideram esse tipo de reivindicação positiva das diferentes raças e etnias – conceitos-chave entre os americanos. A ação afirmativa é uma tentativa de corrigir as

seqüelas de séculos de escravidão e segregação, a partir de uma intervenção estatal para promover o aumento da presença negra, feminina e de outras minorias étnicas na educação, no emprego e em outras esferas da vida pública (Andrews,1997:137). Para que tal aumento seja alcançado, a cor, o sexo e outras marcas de diferença são levados em conta como critérios relevantes na seleção dos candidatos a tais oportunidades. Essa é uma postura que não procura eliminar ou ignorar a discriminação, mas que a partir dela busca contribuir para a reversão de injustiças históricas.

A política do multiculturalismo ou “política do reconhecimento” segue linhas adjacentes às da ação afirmativa. Em linhas gerais, o multiculturalismo é uma reivindicação de identidade, por parte dos próprios grupos atingidos, que pode ou não ser tomada em consideração pela política estatal de ação afirmativa. Não obstante, os esforços do multiculturalismo não se resumem à esfera prática. Muito do que se requer é uma transformação de cunho ideológico capaz de extinguir estereótipos depreciativos ou falsos reconhecimentos, de trazer auto-confiança à população atingida e de garantir direitos de pensamento e ação. Afinal, os efeitos dessa imposição recebida são extremamente negativos para o grupo atingido, incidindo diretamente sobre suas crenças e valores morais. Charles Taylor, por exemplo, mostra-nos como povos colonizados, que receberam durante gerações uma imagem depreciativa de si mesmos, acabaram por assimilar essa identidade imposta, tendo como principal tarefa agora se libertar dessa classificação destrutiva (1993:44).

Possivelmente, o maior desafio das políticas de reconhecimento seja superar a contradição entre duas posturas divergentes, o “universalismo” e o “particularismo”. A política universalista enfatiza a igual dignidade de todos os cidadãos, propondo igualdade

de direitos e de atributos. No entanto, nos ensina Taylor, o desenvolvimento do conceito moderno de identidade foi responsável pelo surgimento de uma política particularista, conhecida por “política da diferença”. Nas palavras do autor:

Con la política de la dignidad igualitaria lo que se establece pretende ser universalmente lo mismo, una ‘canasta’ idéntica de derechos e inmunidades; con la política de la diferencia, lo que pedimos que sea reconocido es la identidad única de este individuo o de este grupo, el hecho de que es distinto de todos los demás (Taylor,1993:61).

Partidários da política da diferença sustentam que a condição de “ser distinto” foi subvalorizada, tendo sido objeto de troças e desrespeitos, além de sofrer pressões para se assimilar à identidade dominante. E é justamente essa assimilação que consiste no principal crime contra o ideal de autenticidade.

O Surgimento de uma Comunidade Étnica

Os brasileiros que imigraram para os Estados Unidos logo se depararam com esse contexto tenso e acirrado entre diferentes imagens e estereótipos étnicos e raciais. Como o multiculturalismo e as políticas de respeito e valorização à diversidade étnica não eram (assim como ainda não são) tão presentes no Brasil, os imigrantes brasileiros tiveram que aprender e se adaptar a esse novo idioma de afirmação identitária.

A cultura transportada pelos imigrantes é fundamental na definição das estratégias de sobrevivência e de organização adotadas por eles no país de destino. As adversidades enfrentadas acabam por criar e fortalecer os vínculos de solidariedade entre eles. Por

compartilharem uma memória comum e encontrarem-se expostos a um alto grau de discriminação na sociedade receptora, os imigrantes são levados a definir quem são e a estabelecer os critérios de pertencimento às suas respectivas comunidades (Martes,1999). Quanto à solidariedade, ela surge da combinação de dois fatores: da memória cultural comum trazida do país de origem e da experiência compartilhada de ser discriminado. Segundo Alejandro Portes, a combinação desses dois fatores transformam os imigrantes – num espaço de tempo relativamente curto – numa comunidade étnica (1995).

Como uma comunidade étnica, os imigrantes brasileiros têm procurado se livrar de estereótipos depreciativos, ao mesmo tempo em que se empenham na construção de imagens positivas de si mesmos. Uma dessas imagens, talvez a mais importante delas, é a de *hardworkers*, ou seja, de povo trabalhador. Em entrevistas e conversas informais, o estereótipo do brasileiro trabalhador esteve sempre presente, sendo freqüentemente invocado pelos imigrantes brasileiros. De fato, qualquer observação mais atenta da rotina desses homens e mulheres mostrará quão longas e árduas são as horas de trabalho a que eles se submetem. Trabalham muito. Trabalham para saldar suas dívidas (aquelas já trazidas do Brasil), para fazer jus à reviravolta que eles escolheram para suas vidas, para atingir suas rigorosas metas de economia e mesmo para tentar calar a dor da saudade. “Eu cheguei a trabalhar 100 horas por semana”, diz um brasileiro, logo emendado pelo companheiro: “Eu bati o seu recorde, teve um dia em que eu trabalhei 24 horas” (Sales,1999:180).

Com efeito, o trabalho passa a ser o idioma dessas pessoas, a língua através da qual elas se comunicam com os “outros” daquele país. Vejamos o que disse um imigrante a Sales (1998:181):

“... o fato da gente não falar a língua aqui, de início, é que leva a isso. Você aceita qualquer coisa. Depois que o brasileiro aprende a falar um pouco de inglês, a situação já muda um pouco. No início, o empregador americano percebe isso e ‘torra’ ele. No restaurante, por exemplo, ele é humilhado e ele não sabendo a língua não tem como revidar, está rindo o tempo todo. A única maneira que a gente tem de mostrar alguma coisa da gente, se você não sabe falar, a única expressão que nós temos, é o trabalho. Então nós mostramos o trabalho. Realmente nós temos um bom conceito enquanto povo trabalhador por causa disso”.

No entanto, como vimos anteriormente, para que um aspecto ou caráter identitário seja considerado legítimo, é indispensável seu “reconhecimento” por parte de certos grupos; nesse caso, por parte da sociedade norte-americana. Por essa razão, membros da comunidade brasileira de Danbury estavam exultantes com as declarações de Gene Enriquez, o prefeito da cidade, as quais ressaltavam a seriedade brasileira no trabalho, assim como o espírito empreendedor desse povo:

“A comunidade brasileira cresceu muito na cidade de Danbury. Particularmente na última década, ajudando em muito o crescimento da cidade. Os brasileiros são uma comunidade forte, trabalhadora, com muita vontade de investir na cidade e crescer com suas famílias, criando oportunidades para suas crianças, assimilando o modo de ser de nossa cidade para o novo milênio.”²⁰

²⁰ As declarações do prefeito Gene Enriquez estão dubladas em um vídeo chamado *América: Um sonho de uma nova vida*. Esse vídeo é um breve documentário sobre Danbury e sobre a vida dos brasileiros nessa cidade. Ele foi elaborado para que os imigrantes tivessem um material atraente e de qualidade que pudessem enviar para seus parentes e amigos no Brasil, e, quem sabe, para convencê-los a também tentar a vida nos Estados Unidos. *América: Um sonho de uma nova vida*, até o final da minha estada em Danbury, era o único vídeo desse gênero a ser comercializado na região.

Um apoio político dessa dimensão é sempre comemorado, pois demonstra que o estereótipo de povo trabalhador, no qual os imigrantes brasileiros tanto se apóiam, tem sido difundido com êxito, alcançando justamente aqueles de quem se necessita maior “reconhecimento”.

Ainda que existam várias formas de se divulgar imagens e informações sobre o Brasil e sobre os imigrantes brasileiros, essa tarefa continua a ser da imprensa brasileira nos Estados Unidos, a imprensa brazuca. A existência dessa imprensa tem um papel fundamental na formação de uma “comunidade imaginada”, afinal ela cria, via meios lingüísticos, uma coletividade de participantes recobertos pelo mesmo guarda-chuva simbólico (Ribeiro,1998c:17). Para Anderson, historiador britânico que cunhou o termo “comunidade imaginada”, o poder estruturador dos meios simbólicos e lingüísticos (sobretudo da imprensa e dos livros) age na formação de um sentimento de companheirismo, comunhão e responsabilidade mútua entre os participantes de uma mesma coletividade nacional que se “imagina” como única (apud Ribeiro, 1998c:3). Assim, ainda que os imigrantes brasileiros demonstrem dificuldades em lidar com a linguagem étnica instituída nos EUA, o grande número de boletins, jornais e periódicos por eles publicados demonstra um forte engajamento político da comunidade.

Apresento a seguir uma lista parcial das publicações brasileiras nos Estados Unidos: *Balcão USA*, *Brazilian Voice* (Newark, Nova Jérsei); *Brazilian Press*, *Portugal Brasil News Inc.*, *Samba Newsletter*, *The Brazilians* (Nova York); *Brazil in Review* (Kew Gardens, Nova Iorque); *Brazilian Times* (Somerville, Massachusetts); *Jornal dos Sports* (Cambridge, Massachusetts); *Florida Review* (Miami, Florida); *Greencard* (Fort Lauderdale, Florida); *Brazil Today* (El Cerrito, Califórnia); *News from Brazil*, *Brazzil* –

Intenational Monthly Magazine in English (Los Angeles, Califórnia); *Jornal Brasileiro do Vale* (Fresno, Califórnia). A essa lista, elaborada por Ribeiro (1998c:18), acrescento ainda os seguintes periódicos: *Tribuna Connecticut* e *The Immigrant*, os principais jornais da região de Fairfield County, em Connecticut. Cabe ressaltar que vários desses jornais são edições bilíngües português/inglês, sendo também comum edições português/espanhol. Tal fato revela uma aproximação da comunidade brasileira com o grupo dominante, os americanos, assim como com a principal minoria, os *hispano hablantes*. No entanto, como veremos a seguir, a aproximação entre brasileiros e hispânicos é apenas parcial, sendo a relação entre esses dois grupos ainda ambígua e controversa.

Em seu esforço de auto-afirmação enquanto um povo trabalhador, o imigrante brasileiro acabou por reproduzir no exterior aquilo que, há um século, era percebido no Brasil também como característica do imigrante estrangeiro (italianos, japoneses, alemães, etc.). Essa afeição ao trabalho, atribuída ao imigrante, frequentemente se contrapunha à imagem dos povos nativos brasileiros, que eram tidos como uma população envolta na preguiça e na morosidade (Sales,1999:184). Nos EUA, como sugere Sales, o brasileiro também produziu o seu “alterego preguiçoso” (*ibid*). Contudo, tal designação não recai sobre o americano – com o qual a alteridade do brasileiro se estabelece em uma posição de subordinação, contribuindo para reforçar a sua marca de povo trabalhador – mas justamente sobre o hispânico.

Os estereótipos atribuídos pelos brasileiros aos hispânicos são bastante depreciativos. Costuma-se dizer que eles não trabalham, que vivem do *Welfare* americano, que vendem drogas e até mesmo que são feios. Na realidade, estes são

estereótipos já pré-existentes na sociedade norte-americana, e dos quais os brasileiros se valem como um suporte para sua própria afirmação, especialmente enquanto um povo trabalhador. Assim se expressou uma brasileira:

“Eu não tenho muita amizade com os hispânicos. Não sei, talvez até um pouco de discriminação de minha parte. Eu já trabalhei muito com os hispânicos e atualmente também trabalho com uma peruana. Acho que eles são muito irresponsáveis, sobretudo os porto-riquenhos.” (Sales,1999:185).

Segundo um outro brasileiro:

“Como o hispânico tem essa fama ruim na sociedade americana, se o brasileiro for confundido com ele, passa a ser discriminado também. Mas a partir do momento em que você fala que é brasileiro, eles te conhecem como trabalhador, como *hardworker*”. (Sales,1999:186)

Em razão dos estereótipos imputados aos hispânicos, de povo sustentado pelo *Welfare* americano e não afeito ao trabalho, os brasileiros procuram ao máximo deles se diferenciar.

Ainda que o caminho da “etnização” tenha se mostrado, se não o único, ao menos o mais viável trajeto para as minorias alcançarem visibilidade e legitimação nos EUA, muitos imigrantes brasileiros ainda resistem a essa política identitária. Na verdade, são os membros da 2ª geração que demonstram estar mais propensos a fazer uso das vantagens que a segmentação étnica norte-americana pode lhes proporcionar, manipulando sua identificação de forma diferente da primeira geração. A identidade hispânico (*hispanic*) que, como vimos, é tão rejeitada pelos imigrantes brasileiros de primeira geração – que preferem ser identificados como “falantes da língua portuguesa” – é mais facilmente

aceita pelos jovens da segunda geração, pois eles, por conhecerem melhor o funcionamento do sistema étnico local, sabem que, em determinados contextos, a reivindicação de uma “latinidade” pode ser vantajosa. Martes nos mostra, por exemplo, o caso de uma imigrante de segunda geração que mal fala o português e que por muito tempo não se considerou brasileira, mas que recentemente, ao prestar um concurso público, reivindicou sua brasilidade, ou mais propriamente, sua latinidade para se beneficiar das quotas reservadas aos hispânicos; prática comum nas políticas da ação afirmativa norte-americana (Martes,1999:193).

Percebe-se, portanto, que não raramente os jovens da segunda geração escolhem ou aceitam sua “bicultura”, seu “hibridismo” identitário, construindo seu pertencimento a partir de vetores que muitas vezes apontam em direções distintas. A escritora Aurora Morales, nascida em Porto Rico, de ascendência porto-riquenha e judia, se mudou para os EUA aos 13 anos de idade. Tendo vivido e sendo fruto de diferentes ambientes culturais, Morales utilizou-se da poesia para expressar as múltiplas facetas de sua identidade:

*I am a child of the Americas,
a light-skinned mestiza of the Caribbean,
a child of many diaspora, born into this continent at a crossroads.*

*I am a U.S. Puerto Rican Jew,
a product of ghettos of New York I have never known.
An immigrant and the daughter and granddaughter of immigrants.
I speak English with passion: it's the tongue of my consciousness,
a flashing knife blade of crystal, my tool, my craft.*

*I am Caribeña, island grown. Spanish is in my flesh,
ripples from my tongue, lodges in my hips:*

*the language of garlic and mangoes,
the singing in my poetry, the flying gestures of my hands.
I am of Latinoamerica, rooted in the history of my continent:
I speak from that body.*

*I am not african. Africa is in me, but I cannot return.
I am not taína²¹. Taíno is in me, but there is no way back.
I am not european. Europe lives in me, but I have no home there.*

*I am new. History made me. My first language was spanglish²².
I was born at the crossroads
and I am whole.²³*

(Morales,1998:3185)

Em razão de exemplos como este, posiciono-me de acordo com Martes, rejeitando a idéia de que a identidade étnica de um grupo se afirma na exata medida em que ele nega uma outra identidade, pois, como sugere a autora, os brasileiros de um modo geral não transmitem o desejo de construir e expressar uma forte identidade nacional (1999:193). A identidade brasileira é latente, capaz de se expressar e mobilizar em momentos determinados, onde tal manifestação pareça vantajosa para o indivíduo ou a comunidade. Assim, esse “jogo de imagens”, ou seja, esse movimento constante de reivindicação e de

²¹ Taínos são povos indígenas nativos de Porto Rico.

²² “*Spanglish*” refere-se a mistura das línguas espanhola e inglesa, especialmente na fala.

²³ Tradução: Eu sou uma filha das Américas./ uma mestiça de pele clara do Caribe./ uma filha de muitas diásporas, nascida neste continente em uma encruzilhada./ Eu sou um judia porto riquenha norte-americana./ um produto dos guetos de Nova York que eu nunca conheci./ Uma imigrante e filha e neta de imigrantes./ Eu falo inglês com paixão: é a língua da minha consciência./ uma brilhante lâmina de cristal, minha ferramenta, meu ofício./ Eu sou uma caribenha, crescida na ilha. O espanhol está na minha carne./ ondula da minha língua, aloja-se em meu quadril:/ a linguagem de alho a mangas./ a cantoria na minha poesia; os gestos voadores das minhas mãos./ Eu sou da América Latina, enraizada na história do meu continente:/ Eu falo a partir desse corpo./ Eu não sou africana. A África está em mim, mas eu não posso retornar./ Eu não sou taína. Taíno está em mim, mas não há caminho de volta./ Eu não sou européia. A Europa vive em mim, mas lá eu não tenho lar./ Eu sou nova. A história me fez. Minha primeira língua foi o *spanglish*./ Eu nasci na encruzilhada/ e eu sou inteira.

omissão de traços de identidade cria uma forte ambigüidade cultural e identitária nos membros da comunidade.

Na construção de suas identidades, membros da segunda geração confrontam-se com dilemas impostos por forças centrípetas (de inclusão) e centrífugas (de exclusão) promovidas pelos jogos de espelho da dialogia interétnica. A essas dúvidas e ambigüidades resultantes das noções de “pertencimento” e de “não-pertencimento”, de “ser” e de “não ser”, os mais diferentes e complexos arranjos são elaborados. Uma jovem de 12 anos, nascida em Danbury, filha de pai brasileiro e de mãe dominicana ponderou sobre sua situação apresentando uma conta identitária inusitada e ilustrativa. Dizia ela:

“I’m 50% Brazilian, 50% Dominican and 100% American!”

CONCLUSÃO

Enquanto membros de uma minoria nacional e de uma comunidade étnica, os brasileiros que vivem nos EUA estão sujeitos às oscilações políticas e econômicas da sociedade norte-americana. Possivelmente, nessas décadas recentes de intensas levadas de imigração, as mais drásticas e traumáticas oscilações que a comunidade brasileira já tenha testemunhado e se visto envolvida, tenham sido em consequência dos ataques de 11 de setembro de 2001 sofridos pelos EUA. Tal fato, alterou profundamente as tendências políticas migratórias e a condição de legitimidade do imigrante não documentado naquele país.

Antes desse emblemático incidente, havia grande expectativa quanto ao abrandamento das políticas de imigração e de uma possível legalização em massa que se iniciaria com os imigrantes mexicanos e se estenderia – assim torciam os brasileiros – a várias outras minorias. Em agosto de 2001, o jornal *The Immigrant* estampava a seguinte matéria de capa: “Governo Bush quer legalizar três milhões de mexicanos: senador democrata Tom Dashle quer que lei seja estendida a outros imigrantes.”²⁴ Esse período de otimismo acabou, sendo bruscamente substituído por uma onda de desconfiança e xenofobismo por parte dos americanos e de insegurança, desconforto e fragilidade por parte das minorias habitantes daquele país. E esses sentimentos de medo e desconforto que atingem as minorias, não são resultados apenas da hostilidade que a sociedade norte-americana tem apresentado aos imigrantes, mas também pelas rígidas políticas impostas pelos mecanismos de controle do Estado.

²⁴ *The Immigrant*, nº 99, Ano 3.

Assim, atualmente, – e talvez de um modo inédito – as minorias estão sendo convocadas a demonstrar lealdade aos EUA. Igrejas e comércios brasileiros, que costumavam exibir as cores verde e amarelo em suas fachadas, agora, de forma quase unânime, também exibem as cores ou a própria bandeira norte-americana. Da mesma forma, os jornais brazucas, se comparados à imprensa feita no Brasil, se mostram muito mais comedidos e cautelosos em seus comentários sobre as políticas norte-americanas instauradas após 11 de setembro.

Quanto ao sentimento de segurança – que tão freqüentemente foi citado pelos brasileiros como uma das principais razões para se optar pela vida nos EUA – ele foi duramente atingido. Poucos dias após os atentados terroristas, o Consulado Brasileiro Itinerante de Newark, em Nove Jérsei, registrou um enorme aumento no seu movimento. Eram brasileiros membros das muitas comunidades da região que, ainda aturdidos com os recentes incidentes, buscavam registrar seus filhos americanos no consulado e, assim, garantir às crianças da segunda geração a cidadania brasileira. Desta maneira, caso os conflitos se perpetuassem, ou a fragilidade e o medo se tornassem insustentáveis, eles e seus filhos poderiam retornar ao Brasil com rapidez e sem burocracia. Assim se expressou um brasileiro natural de São Paulo: “Nós estamos tirando o passaporte brasileiro para o bebê com o objetivo de, se alguma coisa acontecer de pior, podermos sair o mais rápido possível.”²⁵

Não se pode prever o destino das migrações. Talvez muros e leis venham a interromper esses fluxos. Talvez a criatividade e a audácia dos imigrantes continuem sobrepujando todos os mecanismos de controle. É também possível que o temor e a dilatação do desconforto de ser estrangeiro diminuam ou mesmo cessem as levas

²⁵ Em entrevista ao *Brazilian Voice*, em 26/09/2001.

migratórias. A guerra, historicamente já demonstrou ter o poder de abrir e fechar as portas da migração. A expressão “ondas migratória” é acertada e ilustrativa, pois demonstra o caráter oscilatório dessas entradas, e da dependência da “maré”, ou seja, da conjuntura político-econômica do país que se busca e daquele que se deixa.

Quanto aos brasileiros que lá permanecem, aos que lá nascem e aos que lá são socializados, é uma precipitação e mesmo um equívoco declara-los como imersos em um processo de aculturação sem retorno, onde a cultura envolvente aniquilará impiedosa e irrevogavelmente a cultura brasileira. Os próprios EUA são um exemplo da força das minorias, as quais vêm paulatinamente transformando aquele país, sua língua, sua composição étnico-racial, suas tradições culinárias e muitos outros aspectos de sua cultura. Há tempos a antropologia tem sublinhado o fato de que, via de regra, cada povo se vê, se percebe como sujeito de ação nos embates de cultura. Por isso, tendo a pensar os imigrantes brasileiros, sejam os de primeira ou os de segunda geração, não como vítimas de um massacre cultural, mas como os sujeitos dessa relação; antropófagos da cultura que, como anunciaram os modernistas da arte, engolem e devolvem digerido e de modo genuíno aquilo que lhes foi exposto, servido. Tais como os bravos Araweté do Ipixuna, no Amazonas (Castro,1992), são os brasileiros que nos EUA estão domesticando os brancos, afinal, como vimos anteriormente, são eles que estão “*taking over Danbury*”.

BIBLIOGRAFIA

Andrews, George Reid

1997. "Ação Afirmativa: Um modelo para o Brasil" in *Multiculturalismo e Racismo: Uma comparação Brasil – Estados Unidos*. Jessé Souza (org.), Paralelo 15 editores, Brasília – DF

Assis, Gláucia de Oliveira.

1995. *Estar Aqui, Estar Lá... Uma Cartografia da Vida entre Dois Lugares*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

Castro, Eduardo Viveiros de

1992. *Araweté: o povo do Ipixuna*. CEDI, São Paulo.

Feldman-Bianco, Bela

2000. "Immigration, cultural contestation, and the reconfiguration of identities: the case of the female cultural brokers" in *Journal of Latin American Anthropology*, vol. 4 number 2/ vol. 5 number 1. Gustavo Lins Ribeiro (Editor), Brandeis University, Waltham, MA.

Fleischer, Soraya

2000. *Passando a América a limpo: O trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília.

Hersfeld, Michael

1992. *The Social Production of Indifference: Exploring the Symbolic Roots of Western Bureaucracy*. University of Chicago Press, Chicago and London.

Ito-Adler, James P.

1980. *The Portuguese in Cambridge and Somerville*. Printed by City of Cambridge Printing Department.

Leach, Edmund

1983. "Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal" in Edmund Leach: antropologia (Grandes Cientistas Sociais; 38). Roberto Da Matta (org.), Ática: São Paulo.

Margolis, Maxine L.

1994. Little Brazil. An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City. Princeton University Press. Princeton, New Jersey.

Martes, Ana Cristina Braga

1999. Brasileiros nos Estados Unidos: Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. Paz e Terra. São Paulo – SP.

Morales, Aurora Levins

1998. "Child of Americas", in The Heath Anthology of American Literature, vol. 2. Lauter, Paul (General Editor), Houghton Mifflin Company, Boston, New York.

Portes, Alejandro e Rumbaut, Rúbén G.

1990. Immigrant America: A Portrait. Berkeley: University of Califórnia Press.

Portes, Alejandro (org.)

1990. The New Second Generation. Russel Sage Foundation. New York.

1995. The Economic Sociology of Immigration. Nova York: Russel Sage Foudation

Reis, Rossana Rocha & Sales, Teresa (org.)

1999. Cenas do Brasil Migrante. Bomtempo Editorial, São Paulo - SP.

Ribeiro, Gustavo Lins

1998a. Identidade Brasileira no Espelho Interétnico. Essencialismos e Hibridismos em São Francisco. Série Antropologia nº 241, Universidade de Brasília.

1998b. "Goiânia, Califórnia. Vulnerabilidade, Ambigüidade e Cidadania Transnacional". Série Antropologia nº 235, Universidade de Brasília.

1998c. "O que faz o Brasil, Brazil. Jogos Identitários em San Francisco. Série Antropologia nº 237, Universidade de Brasília.

Rosenfeld, Michael

1997. "Educação, cultura e igualdade: Multiculturalismo e narrativa social", in *Multiculturalismo e Racismo: uma comparação Brasil – Estados Unidos* / Jessé Sousa (org.), Paralelo 15 editores, Brasília – DF.

Sales, Teresa

1999. *Brasileiros Longe de Casa*. Cortez Editora. São Paulo – SP.

Saussure, Ferdinand.

1999. *Curso de Linguística Geral*. Charles Bally e Albert Sechehaye (org), Editora Cultrix, São Paulo.

Taylor, Charles

1993. *El Multiculturalismo y "la política del reconocimiento"*. Colección Popular, Fondo de Cultura Económica, México.

Velho, Gilberto

1999. "Trajetória Individual e Campo de Possibilidades" in *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, RJ.